

**Preparação para os
testes ao longo do ano**

TESTES

3.º Ciclo do Ensino Básico

Português

TESTES

9.º

**Carla Marques
Inês Silva**

- Matriz de conteúdos por teste
- 8 testes temáticos
- 3 testes de avaliação global
- Propostas de resolução

De acordo com

**Novo Programa
de Português do Ensino Básico
e Metas Curriculares de Português**

ASA

Teste	Conteúdos			Páginas
1ª Parte – Testes para 90 minutos				
Teste de avaliação 01	Grupo I	Parte A	Entrevista	5-7
		Parte B	Crónica: Maria Judite de Carvalho, "Castanhas assadas"	8-9
	Grupo II	Gramática	Formação de palavras	9
			Classes de palavras	9-10
			Hiperonímia-hiponímia	10
	Grupo III		Texto de opinião	10
Teste de avaliação 02	Grupo I	Parte A	Texto expositivo	11-13
		Parte B	Gil Vicente, <i>Auto da Barca do Inferno</i>	13-15
			Comentário: Gil Vicente, <i>Auto da Barca do Inferno</i> ou <i>Auto da Índia</i>	16-17
	Grupo II	Gramática	Processos de evolução fonológica	17
			Tempos e modos verbais	18
			Funções sintáticas	18
			Classificação de orações	18
			Pronome em adjacência verbal	18
	Grupo III		Texto narrativo	18
Teste de avaliação 03	Grupo I	Parte A	Texto argumentativo	19-21
		Parte B	Texto narrativo: Miguel Torga, <i>A criação do mundo</i>	21-23
		Parte C	Comentário: Gil Vicente, <i>Auto da Barca do Inferno</i> ou <i>Auto da Índia</i>	23-25
	Grupo II	Gramática	Grau dos adjetivos	25
			Tempos e modos verbais	25
			Classificação de orações	25-26
			Pronome em adjacência verbal	26
			Funções sintáticas	26
Teste de avaliação 04	Grupo I	Parte A	Crónica: Nuno Andrade Ferreira Comentário	27-29
		Parte B	Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i>	29-30
	Grupo II	Gramática	Classes de palavras	31
			Tempos e modos verbais	31
			Transformação de frases simples em complexas	32
	Grupo III		Texto narrativo	32

Teste	Conteúdos			Páginas
Teste de avaliação 05	Grupo I	Parte A	Texto expositivo	33-35
		Parte B	Luís de Camões, <i>Os Lusíadas</i>	35-37
	Grupo II	Gramática	Relação grafia/ significado das palavras	37
			Transformação de frases simples em complexas	37
			Classificação de orações	37
			Pontuação	38
			Funções sintáticas	38
			Frase ativa e frase passiva	38
	Grupo III		Carta	38
Teste de avaliação 06	Grupo I	Parte A	Crónica: José Luís Peixoto, "Amo-te"	39-41
		Parte B	Narrativa de autor português: Eça de Queirós, "A aia"	41-43
		Parte C	Comentário	43
	Grupo II	Gramática	Funções sintáticas	44
			Formação de palavras	44
			Tempos e modos verbais	44
			Divisão e classificação de orações	44
Teste de avaliação 07	Grupo I	Parte A	Texto informativo	45-46
		Parte B	Narrativa de autor estrangeiro: Gabriel García Márquez, "A sesta de terça-feira"	47-48
	Grupo II	Gramática	Acentuação	49
			Divisão e classificação de orações	49
			Funções sintáticas	49
			Frase ativa e frase passiva	49
			Discurso direto e indireto	50
Teste de avaliação 08	Grupo I	Parte A	Crítica	51-52
		Parte B	Poesia: José Gomes Ferreira, "Viver sempre também cansa"	53-54
		Parte C	Comentário	54-55
	Grupo II	Gramática	Pronome em adjacência verbal	55
			Classificação de orações	55
			Funções sintáticas	56
			Frase ativa e frase passiva	56
			Discurso direto e indireto	56

Teste	Conteúdos			Páginas
2ª Parte – Testes para 120 minutos				
Teste de avaliação global 01	Grupo I	Parte A	Texto expositivo	57-59
		Parte B	Texto narrativo: Miguel Torga, “Nero”	59-61
		Parte C	Comentário	61-62
	Grupo II	Gramática	Formação de palavras	62
			Tempos e modos verbais	62
			Pronome em adjacência verbal	63
			Pontuação	63
			Funções sintáticas	63
			Frase ativa e frase passiva	63
	Grupo III		Texto de opinião	64
Teste de avaliação global 02	Grupo I	Parte A	Roteiro	65-67
		Parte B	Texto narrativo: José Cardoso Pires, “Nós, aqui por entre o fumo”	67-69
		Parte C	Comentário	69-70
	Grupo II	Gramática	Funções sintáticas	71
			Classificação de orações	71
			Grau dos adjetivos	71
			Tempos e modos verbais	71
			Pronome em adjacência verbal	71
			Significado dos prefixos e sufixos	72
			Frase ativa e frase passiva	72
Grupo III		Texto de opinião	72	
Teste de avaliação global 03	Grupo I	Parte A	Texto argumentativo	73-75
		Parte B	Poesia: Mário Cesariny, “Em todas as ruas te encontro”	76-77
		Parte C	Comentário	78
	Grupo II	Gramática	Classes de palavras	79
			Formação de palavras	79
			Tempos e modos verbais	79
			Pronome em adjacência verbal	80
			Divisão e classificação de orações	80
	Grupo III		Texto de opinião	80

nome: _____ nº: _____ turma: _____

data: ____/____/____

duração: 90 minutos

avaliação: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

Entrevista a Mia Couto

Por Mônica Villela Grayley e Eleutério Guevane
10/06/2013

O escritor moçambicano recebe hoje, em Lisboa, o *Prémio Camões* 2013. O dia 10 de junho é o dia do poeta Luís de Camões, das Comunidades Portuguesas e de Portugal. Nesta entrevista à Rádio ONU, Mia Couto afirma que nunca teve expectativas, já que "um escritor não escreve para ganhar prémios."



Rádio ONU: O que significa ganhar este prémio neste momento da sua carreira?

Mia Couto: Alguns amigos meus, que são muitos generosos e muito otimistas, asseguram que estavam à espera de eu já ter recebido este prémio antes. Eu não vejo a coisa assim, não tenho nenhuma ilusão, porque há tanta gente boa no Brasil, em Portugal, em Angola, nos países africanos e todos merecem tanto ou mais do que eu... Eu nunca criei uma expectativa em relação a isso. Um escritor não escreve por causa de prémios, não fica mais ou menos escritor por ganhar. Há muito bom escritor que na sua vida não ganhou nenhum prémio, desde logo o próprio Camões, que teve uma vida infeliz, desgraçada, morreu pobre, pensando que a sua obra era desvalorizada.

RO: Qual a importância de Camões e a influência dele na sua vida como escritor, mas também como lusófono que é?

MC: Bom, para dizer a verdade, por muito que queira ser simpático, Camões existiu há cinco séculos, não é? O que me parece é que ele foi muito maltratado na escola. Eu conheci Camões, como toda a gente da minha geração, da pior maneira possível: através da escola, onde o ensino da poesia é como se fosse um apoio ao ensino da língua, da regra gramatical. A poesia deve ser usada para mostrar como é que se foge da regra, completamente livre, criando a sua própria lógica.

RO: Ocorre-lhe alguma máxima de Camões neste momento?

MC: Acho que os versos de amor dele, não tanto os d'*Os Lusíadas*, mas "amor é um fogo que arde sem se ver" e o outro que diz que o amor faz com que o amador se transforme na coisa amada... acho que é aí, principalmente, que eu gosto dele.

RO: Explora nas suas obras, nos seus livros, a mística africana. As suas personagens são do folclore de Moçambique, e consegue levar esta parte moçambicana única, de culturas até esquecidas, para o mundo. Tem alguma ideia de explorar outras culturas dentro do mundo lusófono?

MC: Eu acho que aquilo a que chamamos folclore, num sentido positivo, não é uma coisa exótica, mas uma coisa que é a criação diária da gente anónima de Moçambique. Este prémio pode ser partilhado por esta gente, que merece, porque são essas vozes que me inspiram, com a sua mensagem, com a sua sensibilidade e lógica. E a mensagem que eu levo quando eu for agora a Lisboa receber o prémio é a mensagem que esta gente anónima tem de também receber o prémio.

RO: Este "português à Mia Couto", que vai saindo nas suas obras... O que espera ao inventar estas palavras e ao disponibilizá-las ao mundo?

MC: Esse é o fruto de um poeta. Eu pretendo mostrar que, para dizer as coisas que eu quero dizer, sobre a realidade moçambicana, é preciso remoldar o português. O português com a norma de Portugal, o português fechado, funcional, este que a gente usa no quotidiano, não chega. É como se rasgasse uma janela... As pessoas dizem: "Ah, isso é muito bonito." O propósito não é embelezar, o propósito é mostrar que há uma outra luz por trás da parede, certo?

Rádio ONU – página online:

<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2013/06/entrevista-mia-couto/>
(acedido em junho de 2013, texto adaptado e com supressões)

1 Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1 As expectativas que Mia Couto diz nunca ter tido são referentes

- ☐ (A) à entrevista que vai dar aos jornalistas da Rádio.
- ☐ (B) ao facto de se ter tornado num escritor.
- ☐ (C) ao *Prémio Camões* que vai receber.
- ☐ (D) às opiniões dos amigos.

1.2 Camões é recordado por Mia Couto porque

- ☐ (A) era um escritor que não pensava nos prémios.
- ☐ (B) viveu pobre e infeliz.
- ☐ (C) não foi um escritor de qualidade inferior por não ganhar prémios.
- ☐ (D) não ficou mais escritor por ganhar prémios.

1.3 A pergunta “Camões existiu há cinco séculos, não é?” (linhas 19-20), feita por Mia Couto, sugere que o autor moçambicano

- ☐ (A) não conhece bem Camões.
- ☐ (B) conheceu apenas o autor na escola.
- ☐ (C) conhece Camões muito bem, uma vez que as suas obras estão disponíveis há séculos.
- ☐ (D) não considera que Camões o tenha influenciado.

1.4 A frase “Esse é o fruto de um poeta” (linha 41) sugere que cabe ao poeta

- ☐ (A) dar frutos, isto é, escrever obras.
- ☐ (B) renovar a língua que as pessoas usam no quotidiano.
- ☐ (C) disponibilizar as suas obras ao mundo.
- ☐ (D) descrever a realidade moçambicana.

2 **Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.**

- ☐ (A) “que” (linha 10) refere-se a “alguns amigos meus”.
- ☐ (B) “sua” (linha 16) refere-se a “Camões”.
- ☐ (C) “onde” (linha 21) refere-se a “escola”.
- ☐ (D) “própria” (linhas 23-24) refere-se a “regra”.

3 **Lê o seguinte comentário.**

Não só Mia Couto ganhou o Prémio Camões 2013 como também as gentes moçambicanas.

3.1 Defende este comentário, fundamentando a tua resposta com ideias de Mia Couto expressas na entrevista.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Castanhas assadas

O velho vendedor desta tarde, ali à esquina da rua, lembrou-me outro, lá longe, no passado de uma cidade diferente, esse diluído⁽¹⁾ não só em tempo ou em bruma mas também num fumo aromático que não aquecia, fumo frio, talvez, e que atravessava ossos porosos⁽²⁾ que existiam, que estavam ali dentro de mim, um pouco arrepiados também. Eu passava todos os dias pelo homem, que usava boina e samarra, talvez fosse espanhol, já não me lembro, e detinha-me sempre para comprar o eterno cartucho de castanhas, que logo metia, em partes iguais, nos bolsos já largueirões do casaco, deixando ficar as mãos naquele leve, apesar disso reconfortante calor. Cá fora havia nevoeiro, ou então um espesso teto de nuvens baças separava-nos da estrela da vida, que desaparecera do nosso convívio há muito tempo. E eu, mesmo sem querer, mesmo pensando que isso era impossível, não a imaginava lá em cima mas muito longe, para o sul, aquecendo e iluminando a minha terra. Fazia o resto do percurso devagar, ia aproveitando aquela sensação tão doce. Quando chegava ao hotel tinha as mãos enfarruscadas e as castanhas estavam quase frias, mas paciência, comia-as mesmo assim.

Hoje, aqui, não comprei castanhas ao velho vendedor. Hoje, aqui, não quero sujar as mãos e, de resto, o casaco não tem bolsos. Hoje, aqui, ainda não faz frio e o Sol é sedentário⁽³⁾ e amigo, mora lá em cima, nunca anda muito tempo a viajar. Ou brilha ou brilhou ou vai brilhar um dia destes, talvez amanhã. O fumo também nunca chega a ser névoa e as castanhas têm outro sabor. Nem melhor nem pior. Um sabor diferente.

Maria Judite de Carvalho, in *Este tempo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991, pp. 77-78

Vocabulário

⁽¹⁾Diluído – com pouca visibilidade; ténue. ⁽²⁾Poroso – que apresenta orifícios ou poros. ⁽³⁾Sedentário – que ou quem sai pouco, fica geralmente em casa ou é inativo.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4 No início do texto, a cronista é levada a “viajar no tempo”.

4.1 Explicita o que motivou essa “viagem”.

4.2 Identifica as sensações tidas por ela, justificando com expressões do texto.

5 Refere as quatro ações levadas a cabo pela cronista sempre que comprava castanhas na “cidade diferente”.

- 6 Explicita a intenção da cronista ao afirmar “ou então um espesso teto de nuvens baças separava-nos da estrela da vida, que desaparecera do nosso convívio há muito tempo” (linhas 8-9).

- 7 Relê o último parágrafo do texto.

7.1 Explicita uma razão pela qual a cronista não compra castanhas ao velho vendedor.

- 8 O parágrafo que se segue não pode ser a continuação da crónica que acabaste de ler, pois apresenta aspetos incoerentes com este texto.

Amanhã trago outro casaco, bem grosso e com dois bolsos, de forma a dividir as castanhas por eles, para aquecer as mãos. Vou pedi-las queimadas e estaladiças, como de costume, porque é assim que gosto delas – a saberem às brasas que as es-torricam. Na outra cidade não sabiam a nada e isso desgostava-me.

8.1 Identifica dois aspetos que provocam essa incoerência, fundamentando a tua resposta em elementos do texto da Parte B.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

- 1 Lê a seguinte frase.

Ao entardecer, a cronista costumava dar uma volta pela cidade.

1.1 Indica o processo de formação da palavra sublinhada.

- 2 Selecciona, para responderes a cada item (2.1 e 2.2), a única opção que permite obter uma afirmação correta.

2.1 A frase em que a palavra “vez” é um nome comum é

- ☐ (A) Daquela vez a cronista viu o vendedor de castanhas a sorrir.
- ☐ (B) Ela falava sempre com ele, uma vez que ele era simpático.
- ☐ (C) Em vez de sol, havia nuvens.
- ☐ (D) Ela desistiu da cidade de vez.

2.2 A frase em que a palavra "bem" é um advérbio é

- ☐ (A) Ela desejava-lhe todo o bem do mundo.
- ☐ (B) Fazer o bem ao próximo é uma virtude.
- ☐ (C) A amizade é essencial à vida, bem como o amor.
- ☐ (D) Ela falava bem com ele.

3 De qual dos conjuntos de palavras está ausente uma relação entre hiperónimo e hipónimos?

- ☐ (A) arquitetura – engenharia – curso – filosofia
- ☐ (B) mesa – cómoda – armário – mobiliário
- ☐ (C) sol – mar – natureza – montanha
- ☐ (D) castanho – vermelho – preto – cinzento

GRUPO III

Descobrir novos países, novas cidades e aldeias pode tornar-nos mais ricos culturalmente.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser divulgado num jornal escolar, no qual apresentes razões para defender as vantagens de conhecer novos sítios e suas gentes.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.

nome: _____ nº: ____ turma: _____

data: ____/____/____

duração: 90 minutos

avaliação: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Não passará despercebida ao leitor de Gil Vicente a presença constante de personagens femininas, a começar pelo *Auto da visitação* (ou *Monólogo do vaqueiro*), sua primeira produção teatral, em 1502, "que o autor fez ao parto da muito esclarecida Rainha Dona Maria, e nascimento do muito alto e excelente Príncipe Dom João", como nos informa a didascália do referido auto. A partir de então, também se torna relevante o facto de que, das 44 peças escritas por Gil Vicente, 20 foram por encomenda ou intenção de rainhas; a benéfica proteção que recebeu da rainha D. Leonor e o facto de que o "Privilégio Real" para a publicação da *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente* tenha sido assinado por uma rainha, D. Catarina, em 1561.

As manifestações do agrado feminino em relação às obras do dramaturgo foram imediatas. D. Leonor ficou tão satisfeita com o *Monólogo do vaqueiro* que pediu a Gil Vicente, para o dia de Reis, outra obra, e a seguir mais outra, e assim sucessivamente, o que levou muitos estudiosos, entre eles Marques Braga, a referirem-se ao poeta como "o comediógrafo de D. Leonor".

Gil Vicente deu um tratamento especial à mulher, e isto, percebido pela aguda sensibilidade feminina, certamente valeu-lhe a simpatia de nobres e plebeias⁽¹⁾.

A condição da mulher portuguesa da Idade Média até meados do século XVIII era, geralmente, de encarcerada. A vida social praticamente não existia, e só passaria a existir com sa-raus, bailes e valsas que tanto entusiasmaram os poetas românticos. O deslocamento do lar para o espaço da rua só começa a acontecer com frequência e com menos restrições no século XIX, tanto em Portugal como no Brasil. No século XVI, as donzelas portuguesas só saíam para ir às igrejas, e de véu sobre o rosto para não serem vistas; as esposas eram escravas do lar, numa terra onde os mouros permaneceram demasiadamente e à qual legaram preconceitos e restrições nefastas⁽²⁾ em relação às mulheres.

As casadas, segundo nos informam os cronistas da época, não andavam na rua sem o marido, a menos que estivessem acompanhadas por várias damas e escudeiros, ou então adquiririam má fama. A viúva que se casasse pela terceira vez ou contraísse segundas núpcias, tendo muitos filhos, podia contar com a rejeição das outras mulheres. Normalmente, ser viúva era estar morta para o mundo; e muitas retiravam-se para os mosteiros ou enclausuravam-se em casa, como D. Antonieta de Vilhena, filha do Barão de Altivo, por isso mesmo chamada "viúva da observância".

Dona Beatriz, filha de D. Fernando, enviuvando do rei D. João de Castela, respondeu à embaixada que o Arquiduque da Áustria lhe enviou que "as mulheres como ela não se casavam duas vezes". Situação não menos pior era a das mulheres casadas cujos maridos estivessem em terras distantes a bem da expansão marítima. Estas, assim como as prometidas cujos noivos morressem, também se comportavam como viúvas.

As mulheres portuguesas da época de Gil Vicente não jogavam cartas, nem tomavam vinho, a menos que este fosse recomendado pelo médico, geralmente contra a esterilidade, o que, em tom jocoso, podemos dizer que talvez funcionasse, por desreprimi-las um pouco.

Letras & Letras – <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio41.htm>
(acedido em junho de 2013, texto adaptado e com supressões)

Vocabulário

⁽¹⁾Plebeia – alguém que pertence à classe social mais baixa, a plebe. ⁽²⁾Nefasto – de mau agouro, que provoca más consequências.

1 **Seleciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.**

1.1 A obra de Gil Vicente

- ☐ (A) inspirou-se na figura da rainha.
- ☐ (B) foi apoiada por diferentes rainhas.
- ☐ (C) foi encomendada pela rainha D. Maria.
- ☐ (D) começou com o *Auto da visitação*, uma obra que se baseava no nascimento da rainha.

1.2 A expressão “o comediógrafo de D. Leonor” (linhas 12-13) tem origem no facto de

- ☐ (A) Gil Vicente ter escrito várias obras após o dia de Reis.
- ☐ (B) a rainha ter apreciado o *Monólogo do vaqueiro*.
- ☐ (C) Marques Braga ter sido o primeiro a utilizá-la.
- ☐ (D) muitas das obras de Gil Vicente terem sido escritas a pedido da rainha.

1.3 No texto que leste, as palavras “nobres” e “plebeias” (linha 15) estabelecem uma relação de

- ☐ (A) sinonímia.
- ☐ (B) antonímia.
- ☐ (C) hiperónimo-hipónimo.
- ☐ (D) holónimo-merónimo.

1.4 Segundo o autor do texto, a falta de liberdade das mulheres portuguesas

- ☐ (A) acontecia antes de existirem saraus, bailes e valsas.
- ☐ (B) acontecia sobretudo com as mulheres casadas.
- ☐ (C) só teve lugar no século XVI.
- ☐ (D) encontrava alguma da sua razão de ser na moralidade moura.

- 2 **Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.**

- ☐ (A) "que" (linha 3) refere-se a "Gil Vicente".
- ☐ (B) "isto" (linha 14) refere-se a "tratamento especial à mulher".
- ☐ (C) "que" (linha 18) refere-se a "saraus, bailes e valsas".
- ☐ (D) "à qual" (linha 22) refere-se a "terra".

Parte B

Lê o excerto do *Auto da Barca do Inferno*. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

*Tanto que o Frade foi embarcado, veio ãa
Alcouveteira, per nome Brísida Vaz, a qual
chegando à barca infernal, diz desta maneira:*

BRÍ. Hou lá da barca, hou lá!

DIA. Quem chama?

BRÍ. Brísida Vaz.

DIA. E aguarda-me, rapaz
Como nom vem ela já?

COM. Diz que nom há-de vir cá
sem Joana de Valdês⁽¹⁾.

DIA. Entrai vós, e remarês.

BRÍ. Nom quero eu entrar lá.

DIA. Que sabroso arrecadar!

BRÍ. No é essa barca que eu cato⁽²⁾.

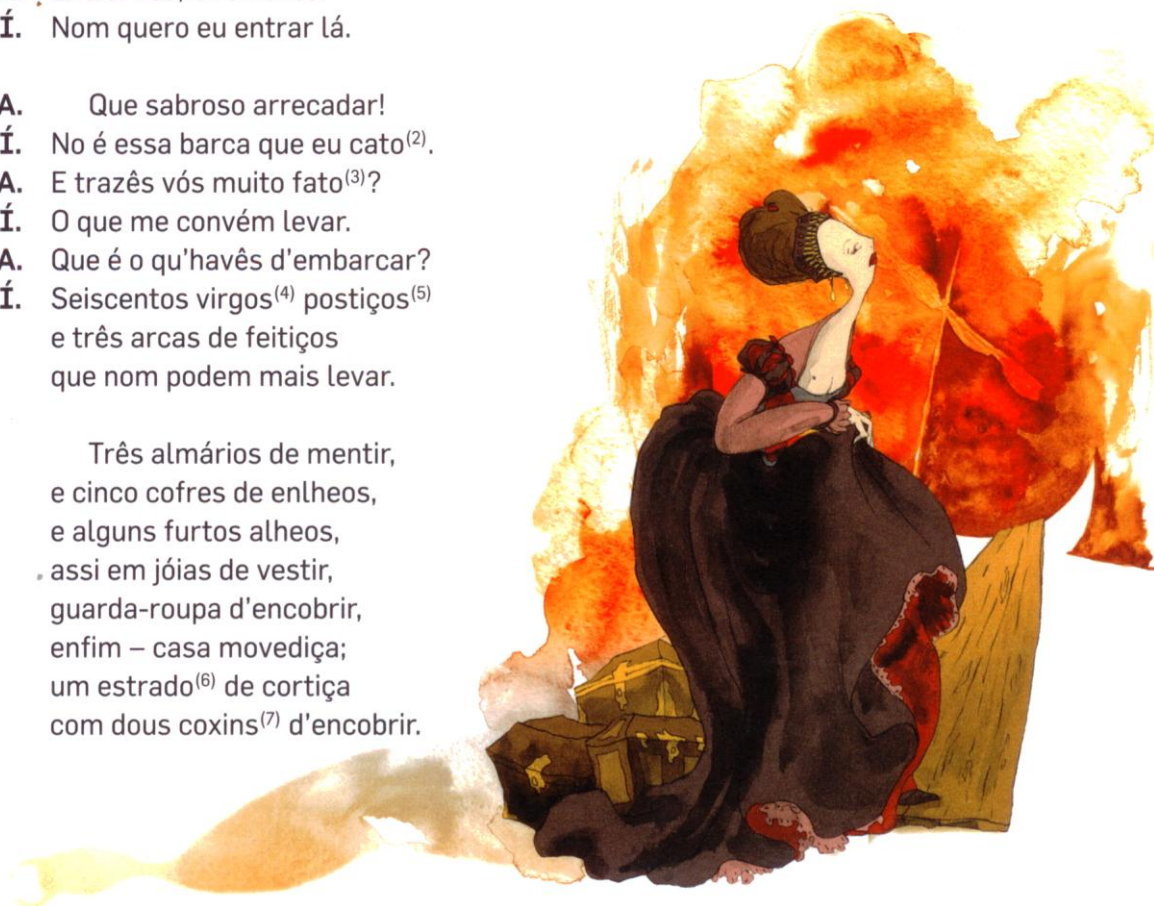
DIA. E trazês vós muito fato⁽³⁾?

BRÍ. O que me convém levar.

DIA. Que é o qu'havês d'embarcar?

BRÍ. Seiscentos virgos⁽⁴⁾ postiços⁽⁵⁾
e três arcas de feitigos
que nom podem mais levar.

Três almários de mentir,
e cinco cofres de enlheos,
e alguns furtos alheos,
assi em jóias de vestir,
guarda-roupa d'encobrir,
enfim – casa movediça;
um estrado⁽⁶⁾ de cortiça
com dous coxins⁽⁷⁾ d'encobrir.



A mor cárrega que é:
essas moças que vendia.
Daquesta mercadoria
trago eu muita, bofé!
30 **DIA.** Ora ponde aqui o pé...
BRÍ. Hui! e eu vou pera o Paraíso!
DIA. E que te dixe a ti isso?
BRÍ. Lá hei-de ir desta maré⁽⁸⁾.

Eu sô ãa mártela⁽⁹⁾ tal,
35 Açoutes tenho levados
e tormentos soportados
que ninguém me foi igual.
Se fosse ò fogo infernal,
lá iria todo o mundo!
40 A estoutra barca, cá fundo,
me vou, que é mais real.

Barqueiro mano, meus olhos,
prancha a Brísida Vaz!
ANJO Eu não sei quem te cá traz...
45 **BRÍ.** Peço-vo-lo de gíolhos⁽¹⁰⁾!
Cuidais que trago piolhos,
anjo de Deos, minha rosa?
Eu sô aquela preciosa
que dava as moças a molhos,

50 a que criava as meninas
pera os cónegos da Sé...
Passai-me, por vossa fé,
meu amor, minhas boninas⁽¹¹⁾,
olho de perlinhas finas!
55 E eu som apostolada⁽¹²⁾,
angelada⁽¹³⁾ e martelada⁽¹⁴⁾,
e fiz cousas mui divinas.

Santa Úrsula⁽¹⁵⁾ nom converteo
tantas cachopas como eu:
60 todas salvas polo meu,
que nenhũa se perdeo.
E prouve Àquele do Céu
que todas acharam dono.
Cuidais que dormia sono?
65 Nem ponto se me perdeo!

ANJO Ora vai lá embarcar,
não estês emportunando.
BRÍ. Pois estou-vos eu contando
ò porque me haveis de levar.
70 **ANJO** Não cures de emportunar,
que nom podes ir aqui.
BRÍ. E que má-hora eu servi,
pois não m'há-de aproveitar!

Gil Vicente, "Auto da Barca do Inferno",
in *Teatro de Gil Vicente*, edição de António José Saraiva.
6ª ed., Lisboa: Portugália Editora, s/d, pp. 106-108

Notas

⁽¹⁾ Personagem conhecida da época. ⁽²⁾ Procuro. ⁽³⁾ Bens, roupa, joias. ⁽⁴⁾ Hímenes ou membranas que representam a virgindade. ⁽⁵⁾ Falsos, dissimulados. ⁽⁶⁾ Assento largo e raso onde se sentavam as mulheres a trabalhar. ⁽⁷⁾ Almofadas. ⁽⁸⁾ Vez. ⁽⁹⁾ Mártir. ⁽¹⁰⁾ Joelhos. ⁽¹¹⁾ Florzinhas campestres. ⁽¹²⁾ Comparável a um apóstolo. ⁽¹³⁾ Semelhante a um anjo. ⁽¹⁴⁾ Como os mártires. ⁽¹⁵⁾ Padroeira das virgens.

3 Apresenta duas atitudes do Diabo para com Brísida Vaz e justifica-as.

4 Explica o que simboliza a carga trazida por Brísida Vaz.

5 Aponta dois argumentos utilizados por Brísida Vaz para se salvar.

6 Caracteriza Brísida Vaz, tendo como referência a relação que procura estabelecer com o Anjo. Comprova a tua resposta com elementos textuais.

7

Lê os excertos do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Índia*, de Gil Vicente. Responde, de forma completa e bem estruturada, apenas a um dos itens, 7.A ou 7.B, e identifica, na folha de respostas, o item a que vais responder. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

Excerto do *Auto da Barca do Inferno*

- FID.** Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida⁽¹⁾?
- DIA.** Vai pera a ilha perdida⁽²⁾,
e há-de partir logo ess'ora⁽³⁾.
- 5 **FID.** Pera lá vai a senhora?
- DIA.** Senhor, a vosso serviço.
- FID.** Parece-me isso cortiço...⁽⁴⁾
- DIA.** Porque a vedes lá de fora.
- FID.** Porém, a que terra passais?
- 10 **DIA.** Pera o Inferno, senhor.
- FID.** Terra é bem sem-sabor.
- DIA.** Quê? E também cá zombais?
- FID.** E passageiros achais
pera tal habitação?
- 15 **DIA.** Vejo-vos eu em feição
pera ir ao nosso cais...

Gil Vicente, "Auto da Barca do Inferno",
in *Teatro de Gil Vicente*, edição de António José Saraiva,
6ª ed., Lisboa: Portugália Editora, s/d, p. 89

Notas

⁽¹⁾Aparelhada. ⁽²⁾Inferno. ⁽³⁾Nessa hora. ⁽⁴⁾Mau aspeto da barca.

7.A Redige um comentário, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual apresentes linhas fundamentais de leitura do excerto da peça *Auto da Barca do Inferno*. O teu texto deve incluir:

- uma parte introdutória, em que indiques o espaço onde o Diabo e o Fidalgo se encontram e em que refiras, com base no teu conhecimento da obra, uma outra personagem que acompanha o Fidalgo;
- uma parte de desenvolvimento, em que expliques a atitude do Fidalgo, neste momento da ação, e a justifiques;
- uma parte final, na qual indiques a intenção de crítica social presente no excerto, de acordo com os teus conhecimentos da obra.

Excerto do *Auto da Índia*

MARIDO	Lá vos digo que há fadigas tantas mortes, tantas brigas e perigos descompassados, que assi vimos destroçados, pelados ⁽¹⁾ coma ⁽²⁾ formigas.	15	Pois que vós vivo viestes, que quero eu de mais riqueza? Louvada seja a grandeza de vós, Senhor, que mo trouxestes. A nau vem bem carregada?
AMA	Porém vindes vós muito rico?		
MARIDO	Se não fora o capitão, eu trouxera, a meu quinhão, um milhão, vos certifico ⁽³⁾ . Calai-vos que vós vereis quão louçã ⁽⁴⁾ haveis de sair!		
AMA	Agora me quero eu rir disso que me vós dizeis!		

Gil Vicente,
Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente – vol. II,
introdução e normalização do texto de Maria Leonor
Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional –
Casa da Moeda, 1983, pp. 359-360

Notas

⁽¹⁾Sem dinheiro. ⁽²⁾Como. ⁽³⁾Garanto-vos que, se não fosse o capitão, trouxera, à minha parte, um milhão de cruzados.

⁽⁴⁾Bem vestida, bela. ⁽⁵⁾Lindamente.

7.B Redige um comentário, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual apresentes linhas fundamentais de leitura do excerto da peça *Auto da Índia*.

O teu texto deve incluir:

- uma parte introdutória, em que indiques o espaço onde as personagens se encontram e em que refiras o momento da ação em que se situa o excerto;
- uma parte de desenvolvimento, em que apresentes e justifiques as intenções das duas personagens ao longo do diálogo;
- uma parte final, na qual indiques a intenção de crítica social presente no excerto.

GRUPO II

- 1** Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de modo a identificares o processo fonológico presente na evolução de cada palavra. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

Coluna A	Coluna B
(A) sabroso > savoroso •	• (1) Epêntese
(B) arrecear > recear •	• (2) Aférese
(C) almários > armários •	• (3) Paragoge
	• (4) Assimilação
	• (5) Dissimilação

- 2 Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e no modo indicados.

- a) – Eu _____ (*caber*, **presente do indicativo**) nesta barca. – afirma Brísida Vaz.
- b) Era importante que o Anjo _____ (*dizer*, **pretérito imperfeito do conjuntivo**) a Brísida Vaz quais os seus pecados.
- c) O Diabo deseja que Brísida Vaz _____ (*perder*, **presente do conjuntivo**) a vontade de entrar na barca do Anjo.
- d) Se eu _____ (*poder*, **futuro do conjuntivo**) vou assistir à representação do *Auto da Barca do Inferno*.

- 3 Lê a frase seguinte.

O Diabo, que aguarda as personagens junto à sua barca, acusa-as dos seus pecados.

- 3.1 Indica a função sintática desempenhada pela oração sublinhada.

- 3.2 Classifica, de forma completa, a oração sublinhada.

- 4 Lê a frase seguinte.

Se puderes, dá-nos essa obra.

- 4.1 Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado.

GRUPO III

Todos os jovens anseiam por ter liberdade. Porém, nem sempre é fácil geri-la com responsabilidade.

Escreve um texto narrativo no qual a procura da liberdade seja um elemento fundamental. Na tua narrativa, deves incluir, pelo menos, um momento de descrição e um momento de diálogo.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

nome: _____ nº: _____ turma: _____
data: ____/____/____ duração: 90 minutos avaliação: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Consciência solidária

Sabia que oitenta por cento da população norueguesa faz parte de uma ou mais Organização Não Governamental (ONG)? E se eu lhe disser que metade dessa mesma população participa ativamente em campanhas da sociedade civil, pelo menos uma vez ao ano, ficaria surpreendido?

A Noruega faz parte de uma das sociedades mais evoluídas do mundo contemporâneo, o que significa que uma sociedade civil forte, participativa e solidária representa, sem dúvida, um país mais próspero, produtivo e democrático.

O papel que o cidadão comum desempenha torna-se no elemento mais determinante para que uma sociedade possa melhorar e corrigir erros ou discrepâncias sociais. Os políticos que estão associados aos centros de decisão e pertencentes aos vários governos, que alternam ciclicamente, ligados ou comprometidos com as cores partidárias, não têm geralmente em conta as ações discretas, mas meritórias, do cidadão comum que atrás refiro.

Não se trata aqui de ter apenas em conta os indicadores sociais, horizontes a atingir ou dados estatísticos que indicam o sucesso ou desenvolvimento, mas tão só de conseguir melhorar as condições de vida, da dignidade humana e de felicidade de cada indivíduo. Embora importantes, estes dados que são muitas vezes impostos por institutos de referência mundial fazem com que nos esqueçamos que são as pessoas o objeto da mudança e que são elas quem devem estar em primeiro plano. De facto, é nas pessoas que reside o fator de mudança de uma sociedade e na capacidade de transformar as suas próprias vidas e as dos outros.

A lógica do "pensar global e atuar de forma local" fundamenta-se exatamente na importância da interação das pessoas umas com as outras, de forma a mudar a sua atuação e consciência.

O caso presente do nosso país, que, como sabemos e sentimos na pele, está a atravessar momentos duros e críticos para uma grande parte da população, obriga-nos a refletir sobre como poderia ser diferente se porventura mudássemos os nossos procedimentos e, em consequência, a condição de vida. Se dissermos e até aceitarmos que existem pontos positivos num cenário de crise, cenário este onde se multiplicam os desabafos, se cruzam os argumentos e se ensaiam formas de correção de comportamentos e modos de viver, então podemos começar a pensar que estamos no bom caminho.

É exatamente nos momentos difíceis que conhecemos melhor as pessoas, as sociedades e o seu modo de lidar com os problemas. E de algum modo tem sido animador verificar que nesses casos a solidariedade faz parte do carácter dos portugueses, através da ajuda àqueles que

mais precisam, se bem que numa ou noutra situação estes gestos funcionam mais por uma inércia⁽¹⁾ de consciência.

Em boa verdade a solidariedade não deve ser encarada como uma participação única ou de mero apontamento e não deve ficar exclusiva na sua utilização ao setor social ou reduzida às campanhas de ajuda ao próximo. A solidariedade é algo que deve ser estimulado e pode estar presente no modo de viver, de estar, de negociar e de nos relacionarmos com os outros. É uma forma de assumir uma consciência de responsabilidade permanente, que ajudará a nossa sociedade a evoluir no bom sentido, dando maior contributo para a resolução dos problemas.

Miguel Pavão, in *Visão Solidária* – <http://visao.sapo.pt/consciencia-solidaria=f733928>
(acedido em junho de 2013, texto adaptado)

Vocabulário

⁽¹⁾Inércia – falta de movimento ou atividade.

1 **Seleciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.**

1.1 As duas perguntas incluídas no primeiro parágrafo têm a intenção de

- ☐ (A) perguntar aos leitores se a percentagem de noruegueses nas ONG os surpreende.
- ☐ (B) chamar a atenção para a participação assídua dos noruegueses na sociedade civil.
- ☐ (C) solicitar respostas concretas sobre a participação da população norueguesa na sociedade civil.
- ☐ (D) interrogar os leitores sobre a percentagem de noruegueses que participam na vida social e não governamental.

1.2 De acordo com o autor do texto, uma sociedade civil forte, participativa e solidária é o resultado

- ☐ (A) das ações de um país próspero, produtivo e democrático.
- ☐ (B) dos indicadores e dados estatísticos relativos ao sucesso ou desenvolvimento.
- ☐ (C) das ações do cidadão comum para melhorar a vida de cada indivíduo.
- ☐ (D) dos institutos de referência mundial.

1.3 Um cenário de crise pode ser positivo se levar a

- ☐ (A) sentir na pele momentos duros e críticos.
- ☐ (B) refletir sobre as diferenças dos indivíduos.
- ☐ (C) alterar procedimentos.
- ☐ (D) pensar que se está no bom caminho.

1.4 De acordo com o último parágrafo do texto, a solidariedade implica consciência

- ☐ (A) do que se faz nas sociedades.
- ☐ (B) da importância das campanhas de ações sociais.
- ☐ (C) da forma como a sociedade evolui.
- ☐ (D) dos problemas da sociedade com vista a um comprometimento permanente.

2 Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- ☐ (A) "que" (linha 10) refere-se a "políticos".
- ☐ (B) "que" (linha 14) refere-se a "indicadores sociais".
- ☐ (C) "sua" (linha 21) refere-se a "pessoas".
- ☐ (D) "onde" (linha 27) refere-se a "cenário".

3 Lê o seguinte comentário.

O título "Consciência solidária" é adequado ao sentido do texto de Miguel Pavão.

3.1 Defende este comentário, fundamentando a tua resposta na leitura do texto.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

A criação do mundo

Por cima do consultório e dos meus versos, movia-se o mundo do prior. A irmã, a D. Estefânia, é que governava a casa, que tinha a despensa dispersa pela freguesia. De baixo, ouvia-lhe os passos e as conversas. O seu ponto estratégico era a janela da cozinha, aberta sobre toda a povoação. Já cansada da vista, servia-se dum binóculo para perscrutar⁽¹⁾ os horizontes. Enquanto a criada enxugava a louça, ia ela dando conta das descobertas que fazia do observatório.

- Vem um homem a descer a serrinha... E traz qualquer coisa às costas...
- Algum saco de batatas...
- Não. Parece ser cabrito...
- Calhava bem, se fosse para nós...
- Se calhava! Por todas as razões! Espera... Já distingo... É cabrito ou leitão, de certeza...
- Se é leitão, podemos tirar daí o sentido. Que me lembre, nunca entrou cá em casa presente desses...
- E alguém pediu leitão, porventura? O Divino Espírito Santo te encaminhe, alminha do céu...
- Aposto em como vai direitinho a casa do doutor!...
- Resposta-o⁽²⁾. Resposta-o, em vez de dizeres disparates...

– Andou a semana inteira a tratar uma doente das Sourabas...

– Ai, Rainha Santa, que até estou com palpitações!... É que não temos nada para o jantar... A carne que havia, comeu-se ao almoço.

– Lá por causa disso, sossegue. Mata-se uma galinha.

– O senhor prior antes queria cabrito. Enjoou a canja. Quem é, parou à porta da Júlia Tralhão...

– Eu bem digo!

– Dizes o quê, mulher?

– Que desta feita ficamos a apitar... A Júlia é das Sourabas...

– Parece tola! Aí vem ele outra vez... Os anjos te acompanhem, criatura...

– Tão certo!

– E ela a dar-lhe!

– Nós veremos! Quanto mais, todos são filhos de Deus! Não é só o seu irmão que tem barriga...

– É parva! Pronto, já entrou no nosso quintal... Milagrosa Senhora da Piedade, eu te rezarei um terço, logo à noite... Depressa, acende o fogareiro e põe água a ferver. E deita duas colheres bem cheias de pó, que esta gente gosta do café forte...

A cena de sempre. Primeiro, a hipnotização à distância, com os olhos do binóculo; depois, o hipócrita «para que se estiveram a incomodar»; por fim, o aroma da chávena de café a invadir a casa.

Miguel Torga, *A criação do mundo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2013, pp. 219-220

Vocabulário

⁽¹⁾Perscrutar – examinar minuciosamente; investigar. ⁽²⁾Responsar – confiar a alma a Deus; rogar uma praga.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4 Os interesses do narrador do texto não se cingiam ao seu próprio mundo.

4.1 Explica a afirmação.

5 Das duas personagens femininas, identifica a mais pessimista, justificando com dados textuais.

6 Relê o último parágrafo.

6.1 Refere de que forma o aroma do café sugeria ao narrador o que acontecia dentro da casa do prior.

- 7 Seleciona, de entre as duas expressões seguintes, aquela que, na tua opinião, se adequa melhor ao sentido do texto da Parte B.

☐ (A) A solidariedade da freguesia.

☐ (B) As qualidades de D. Estefânia.

7.1 Justifica a tua opção, fundamentando-a na leitura do texto.

Parte C

- 8 Lê os excertos do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Índia*, de Gil Vicente. Responde, de forma completa e bem estruturada, apenas a um dos itens, 8.A ou 8.B, e identifica, na folha de respostas, o item a que vais responder. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

Excerto do *Auto da Barca do Inferno*

JUD. Que vai cá? Hou marinheiro!

DIA. Oh! que má-hora vieste!

JUD. Cuj' é esta barca que preste?

DIA. Esta barca é do barqueiro.

JUD. Passai-me por meu dinheiro.

DIA. E o bode há cá de vir?

JUD. Pois também o bode há-de ir.

DIA. Que escusado passageiro!

JUD. Sem bode, como irei lá?

DIA. Nem eu nom passo cabrões.

JUD. Eis aqui quatro testões

e mais se vos pagará.

Por via do Semifar

que me passeis o cabrão!

Querês mais outro testão?

DIA. Nenhum bode há-de vir cá.

JUD. Porque nom irá o judeu

onde vai Brísida Vaz?

(...)

DIA. Judeu, lá te passarão
porque vão mais despejados.

JOA. E ele mijou nos finados
n'ergueja de São Gião!

E comia a carne da panela
no dia de Nosso Senhor!

E aperta o salvador,
e mija na caravela!

DIA. Sus, sus! Dêmos à vela!
Vós, Judeu, irês à toa,
que sois mui ruim pessoa.
Levai o cabrão na trela!

Gil Vicente, "Auto da Barca do Inferno", in *Teatro de Gil Vicente*,
edição de António José Saraiva.
6ª ed., Lisboa: Portugália Editora, s/d, pp. 109-111

8.A Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual apresentes linhas fundamentais de leitura do excerto da peça *Auto da Barca do Inferno*.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Referência à forma como o Diabo recebe o Judeu.
- Indicação dos argumentos utilizados para condenar o Judeu.
- Identificação da estratégia usada pelo Judeu para conseguir o que pretende.
- Explicitação da intenção do Judeu ao perguntar "Porque nom irá o judeu / onde vai Brísida Vaz?" (versos 17-18).
- Explicitação da sentença final pronunciada pelo Diabo.
- Referência, com base no teu conhecimento da obra, à crítica social feita por Gil Vicente através do Judeu.

Excerto do *Auto da Índia*

CAST. Paz sea n' esta posada⁽¹⁾.

AMA Vós sois? Cuidei que era alguém.

CAST. A según esso, soy yo nada⁽²⁾.

AMA Bem, que vinda foi ora esta?

5 **CAST.** Vengo aquí en busca mía,
que me perdí en aquel día
que os vi hermosa y honesta,
y nunca mas me topé.
Invisible me torné,
10 y de mí crudo enemigo;
el cielo, empero, es testigo
que de mi parte no sé.⁽³⁾

Gil Vicente,
Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente – vol. II,
introdução e normalização do texto de Maria Leonor
Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional –
Casa da Moeda, 1983, p. 348

Notas

⁽¹⁾Haja paz nesta casa. ⁽²⁾Segundo o que disseste, eu não sou ninguém. ⁽³⁾Tradução: venho aqui à procura de mim próprio, porque me perdi naquele dia em que vos vi formosa e honesta, e nunca mais me encontrei. Tornei-me invisível e cruel inimigo de mim próprio; o céu, porém, é testemunha que não sei o que foi feito de mim.

8.B Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual presentes linhas fundamentais de leitura do excerto da peça *Auto da Índia*. O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação da razão pela qual o Castelhana foi visitar a Ama.
- Explicação da intenção da Ama ao proferir "Vós sois? Cuidei que era alguém." (verso 2).
- Justificação da reação do Castelhana (verso 3) à forma como foi recebido pela Ama.
- Caracterização do discurso do Castelhana.
- Indicação de um tipo de cómico presente no excerto.
- Referência, com base no teu conhecimento da obra, à crítica social feita por Gil Vicente através do Castelhana.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1 Lê a seguinte frase.

Gil Vicente fez uma caracterização fiel da sociedade em que viveu.

1.1 Reescreve a frase, usando o adjetivo no grau superlativo absoluto sintético.

2 Lê a frase que se segue.

Se tivesse lido mais obras de Gil Vicente, teria ficado a conhecer melhor este autor.

2.1 Classifica a forma verbal sublinhada, indicando pessoa, número, tempo e modo.

3 Selecciona, para responderes a cada item (3.1 e 3.2), a única opção que permite obter uma afirmação correta.

3.1 A frase que inclui uma oração coordenada explicativa é

- ☐ (A) Ou vais comigo ao teatro ou ficas em casa.
- ☐ (B) Enquanto o Luís faz o resumo da matéria, o Afonso resolve uma ficha.
- ☐ (C) Ele riu-se tanto no teatro que caiu da cadeira.
- ☐ (D) Está a gostar do Parvo, pois tem a cara vermelha de rir tanto.

3.2 A frase que inclui uma oração subordinada adjetiva relativa explicativa é

- ☐ (A) Gil Vicente, que é um autor português, é conhecido mundialmente.
- ☐ (B) O dramaturgo que escreveu o *Auto da Índia* chama-se Gil Vicente.
- ☐ (C) É importante que se estude a obra de Gil Vicente, o pai do teatro português.
- ☐ (D) O dramaturgo de que mais gosto chama-se Gil Vicente.

4

Lê a frase.

Os atores fizeram um trabalho notável.

4.1 Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado. Faz apenas as alterações necessárias.

5

Indica, para cada uma das alíneas, a função sintática que a expressão sublinhada desempenha em cada uma das frases.

a) É fundamental que vás ao teatro.

b) As obras dramáticas são fundamentais no panorama literário mundial.

nome: _____ nº: _____ turma: _____
data: ____/____/____ duração: 90 minutos avaliação: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

Há alguns anos, sentado à mesa de um restaurante em Bratislava, enquanto tentava, devo dizer que sem grande sucesso, apreciar uma espécie de crepe, recheado com algo levemente parecido com fígado, falou-me um turco, estudante de Português, sobre a palavra da nossa língua que mais apreciava: saudade.

Antes e depois disso, por outras vezes, diferentes pessoas reforçaram a ideia de que há na "saudade" portuguesa algo que a torna singular. Esse jeito de sentir, às vezes chorado, tem tudo a ver com a forma de ser português.

Julgava-nos sozinhos (a nós e aos galegos, segundo a não muito confiável Wikipedia) na descrição una do "sentir só". Descobri, contudo, no crioulo de Cabo Verde, o equivalente "sodade", cantado por Cesária, na morna em que recorda "nha terra Sao Nicolau" ("minha terra, São Nicolau").

Saudade, ou "sodade", no dizer das ilhas, tem tudo a ver com a condição de emigrante a que me referia na última crónica.

Quando se escolhe (ou se é obrigado a escolher) viver fora, decide-se estar sempre longe. Longe de casa (até que a nova se torne nossa), da família, que passamos a ver apenas de vez em quando e não sempre que nos apetece, dos amigos, que muitas vezes se perdem nas horas de voo, e das pequenas coisas que faziam parte da rotina que, tantas vezes, maldissemos.

Em vivendo longe, aprendemos a dar valor a coisas que nos passavam ao lado, até por as tomarmos como garantidas. (...)

Não sou nada nostálgico, e no dia a dia irrita-me muito mais do que me comovo com as portuguesidades (e também por esse sentido crítico, de quem nunca está bem como está, sou português), mas percebi o que significa essa palavra que, mesmo sem darmos conta, trazemos connosco, gravada na genética.

Hoje em dia, na melhor das hipóteses, vejo os meus pais uma vez por ano — e nunca no Natal, porque as passagens são demasiado caras. Sei que o tempo está a passar e que cada dia que não estamos juntos é um dia a menos que temos para estar. Sinto, por isso, saudade do cliché dos almoços de domingo. (...)

Desde que emigrei, já perdi casamentos, funerais, aniversários, reuniões mais ou menos felizes. Tenho uma história para contar que, cada vez mais, se descruza do caminho das pessoas de sempre.

Saudade é uma coisa que trazemos connosco. Uma palavra que nos dias maus nos faz querer voltar, mas que nos dias bons, porque nela se guarda confiança, nos ajuda a recordar o que nos levou a partir.

Nuno Andrade Ferreira, in P3 – <http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/7407/da-saudade>
(acedido em junho de 2013, texto adaptado e com supressões)

- 1** **Seleciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.**

1.1 O cronista refere que lhe falaram da palavra “saudade”

- ☐ (A) antes e depois do episódio em que tentava comer uma espécie de crepe.
- ☐ (B) durante o episódio em que tentava comer uma espécie de crepe.
- ☐ (C) antes, durante e depois do episódio em que tentava comer uma espécie de crepe.
- ☐ (D) durante e depois do episódio em que tentava comer uma espécie de crepe.

1.2 De acordo com o cronista, a palavra “saudade”

- ☐ (A) é exclusiva dos portugueses e dos galegos.
- ☐ (B) é exclusiva dos portugueses, pois a Wikipedia não é muito confiável.
- ☐ (C) é comum a portugueses, galegos e cabo-verdianos.
- ☐ (D) é comum a todos os povos que conhecem a condição de emigrante.

1.3 A distância leva a que os aspetos pouco importantes da rotina

- ☐ (A) ganhem um valor que nunca tiveram.
- ☐ (B) sejam considerados uma maldição.
- ☐ (C) continuem a ter lugar, como sempre aconteceu.
- ☐ (D) nos recordem os amigos e a família.

1.4 Embora não seja nostálgico, o cronista

- ☐ (A) compreende hoje o significado da palavra “saudade”.
- ☐ (B) procura visitar a sua família no Natal.
- ☐ (C) gostaria de ter sido convidado para casamentos, funerais, aniversários ou reuniões.
- ☐ (D) está sempre a falar das saudades que sente de Portugal.

- 2** **Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.**

- ☐ (A) “a” (linha 6) refere-se a “saudade portuguesa”.
- ☐ (B) “que” (linha 10) refere-se a “Cesária Évora”.
- ☐ (C) “as” (linha 18) refere-se a “coisas que nos passavam ao lado”.
- ☐ (D) “que” (linha 32) refere-se a “uma palavra”.

3

Lê o comentário seguinte.

Para se conhecer o verdadeiro significado da palavra “saudade”, é preciso deixar o país, a família, os amigos e até pequenas coisas.

3.1 Defende este comentário, fundamentando a tua resposta na leitura do texto.

Parte B

Lê as estâncias 88 a 92 do Canto IV d'*Os Lusíadas*, a seguir transcritas. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

88

«A gente da cidade aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saídosos na vista e descontentes.
E nós, co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis⁽¹⁾ viemos caminhando.

89

«Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres cum choro piadoso⁽²⁾,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia⁽³⁾, acrescentavam⁽⁴⁾
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

90

«Qual⁽⁵⁾ vai dizendo: – «Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigério e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mim te vás, o filho caro,
A fazer o funéreo encerramento,
Onde sejas de pexes⁽⁶⁾ mantimento?»

91

«Qual⁽⁷⁾ em cabelo: – «Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Porque is⁽⁸⁾ aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?»

92

«Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de piadosa humanidade,
Os velhos e os mininos os seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quási⁽⁹⁾ movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*
(leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão).
Lisboa: Instituto Camões – Ministério dos
Negócios Estrangeiros, 2000, pp. 189-190

Notas

⁽¹⁾Embarcações que conduziavam os homens da terra para os navios. ⁽²⁾Por piedoso. ⁽³⁾Torna mais receosas. ⁽⁴⁾Por acrescentavam (= aumentavam). ⁽⁵⁾Uma. ⁽⁶⁾Por peixes. ⁽⁷⁾Outra. ⁽⁸⁾Ides. ⁽⁹⁾Como.

- 4 Indica dois sentimentos que dominam a “gente da cidade” (est. 88, verso 1), apresentando uma razão que os justifique.

- 5 Relê a estância 89.

5.1 Transcreve uma enumeração.

5.2 Transcreve uma dupla adjetivação.

5.3 Explica de que forma a expressão “temeroso / Amor mais desconfia” (versos 5-6) contribui para criar um ambiente de tristeza.

- 6 Relê a estância 90.

6.1 Transcreve desta estância uma expressão reveladora de um sentimento de profunda tristeza.

- 7 Concentra-te na estância 91.

7.1 Justifica a expressão da mulher:
“Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?”

- 8 Atenta agora na estância 92.

8.1 Explicita a relação de sentido que se estabelece entre a expressão “palavras que diziam” (verso 1) e “respondiam” (verso 5).

GRUPO II

- 1 Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de modo a identificares a classe da palavra sublinhada em cada frase. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

Coluna A	Coluna B
(A) A <u>sua</u> família estava longe. •	• (1) Nome
(B) A distância e o afastamento provocavam dor. •	• (2) Adjetivo
(C) As pequenas rotinas <u>sempre</u> o tinham irritado. •	• (3) Verbo
(D) Aquele crepe era <u>estranho</u> . •	• (4) Advérbio
(E) Dedicou o tema <u>a</u> todos os emigrantes. •	• (5) Preposição
	• (6) Conjunção
	• (7) Determinante
	• (8) Pronome

- 2 Selecciona, para responderes a cada item (2.1 e 2.2), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 A única frase em que “para” é uma conjunção é

- ☐ (A) Ele foi viver para outro país.
- ☐ (B) A palavra “saudade” foi uma descoberta para ele.
- ☐ (C) Os emigrantes saíram do seu país para terem um emprego.
- ☐ (D) Os emigrantes apontam para a importância dos símbolos portugueses.

2.2 A única frase em que “que” é um pronome relativo é

- ☐ (A) Conheço um espaço que acolhe os emigrantes portugueses.
- ☐ (B) Os emigrantes afirmam que têm saudades da sua família.
- ☐ (C) Por vezes, as saudades são tantas que eles precisam de regressar a Portugal.
- ☐ (D) Aproveita todos os momentos bons, que eles são breves.

- 3 Lê a frase seguinte.
Muitos poetas e escritores têm descrito a saudade.

3.1 Classifica a forma verbal sublinhada, indicando tempo e modo.

4

Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, utilizando locuções conjuncionais das subclasses indicadas entre parênteses. Faz apenas as alterações necessárias.

a) Telefona aos teus familiares.

Finaliza os teus trabalhos.

(locução conjuncional subordinativa temporal)

b) As pequenas coisas ganham importância.

Quem está longe sente falta da rotina.

(locução conjuncional subordinativa consecutiva)

c) Ele não é muito nostálgico.

Ele sente a falta de pequenas coisas.

(locução conjuncional subordinativa concessiva)

GRUPO III

O texto da Parte A foi escrito por um português que emigrou.

Escreve um texto narrativo em que imagines um episódio no qual um emigrante descubra a importância de um símbolo que recorda Portugal.

Na tua narrativa, deves incluir, pelo menos, um momento de descrição e um momento de diálogo.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.

nome: _____ nº: _____ turma: _____

data: ____/____/____

duração: 90 minutos

avaliação: _____

GRUPO I**Parte A****Lê o texto.****Os mares e os oceanos**

Os mares e os oceanos representam setenta e um por cento da superfície da Terra, isto é, 360 milhões de km² e noventa e sete por cento dos recursos hídricos do planeta. São uma fonte abundante de recursos biológicos e naturais, comparável ou mesmo superior às florestas tropicais. Constituem também um recurso económico e uma reserva energética, são essenciais para determinar o clima da Terra e representam sistemas muito produtivos, que reciclam constantemente os produtos químicos, os nutrientes e a água. Quarenta por cento da população mundial vive num raio de 60 km da costa e 35 milhões de pessoas dependem da pesca.

Os oceanos são uma fonte importantíssima de alimentos e de emprego e constituem vias naturais de comunicação, transporte e comércio. São menos conhecidos do que alguns planetas distantes e contêm muitos recursos, em parte ainda por utilizar. Mas esses recursos potenciais são limitados, tanto pela sua capacidade como pela sua possibilidade de absorver os efeitos do desenvolvimento e da poluição. São já visíveis os sinais de stresse, especialmente nas zonas costeiras baixas e nas ilhas pequenas. Entre os sintomas de doenças figuram os seguintes: poluição, esgotamento das unidades populacionais de peixes, desaparecimento das costas, subida do nível do mar, aumento das temperaturas de superfície que ameaça as correntes oceânicas profundas, tempestades mais frequentes, fusão das calotas glaciais, ...

Oitenta por cento da poluição dos mares e oceanos é resultado de atividades terrestres. Há quase cento e cinquenta "zonas mortas", pobres em oxigénio devido a um excesso de nutrientes, provenientes sobretudo do azoto dos fertilizantes agrícolas, das emissões produzidas por veículos e fábricas e dos resíduos. Um baixo nível de oxigénio prejudica a vida dos animais marinhos e alguns habitats importantes, como os leitos de sargaços. É uma importante ameaça para as unidades populacionais de peixes e, por conseguinte, para as populações que dependem deste recurso.

A alteração dos habitats deve-se a atividades como a dragagem, a descarga de resíduos, o depósito de resíduos sólidos em locais situados no litoral, as construções junto à costa e a construção de estradas, o abate das florestas costeiras e diversas atividades turísticas e recreativas, como o mergulho. Embora, por exemplo, os recifes de coral cubram apenas menos de meio ponto percentual do fundo dos oceanos, noventa por cento das espécies marinhas depende direta ou indiretamente deles. Os recifes protegem também as populações, servindo de barreira entre os oceanos e as comunidades do litoral. Mas sessenta por cento do que resta dos recifes de corais corre sérios riscos de desaparecer, durante os próximos trinta anos, se não forem tomadas medidas. Oitenta e cinco por cento das costas europeias encontra-se em perigo, devido à criação de infraestruturas e a outras construções, bem como a causas naturais.

O aquecimento do clima pode ter efeitos impressionantes nos oceanos, levando a um abrandamento da sua função de regulação das temperaturas. O Grupo Internacional sobre Alterações Climáticas prevê o aumento tanto da frequência como da intensidade das tempestades e de outros fenómenos climáticos extremos, o que causará danos aos ecossistemas costeiros e reduzirá a sua capacidade de se reconstituírem.

Klaus Töpfer, in *RUNIC – Os Mares e os Oceanos* – <http://www.runic-europe.org/portuguese/seasoceans.html>
(acedido em junho de 2013, texto adaptado e com supressões)

1 As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações do texto sobre os mares e oceanos. Numera-as, de acordo com a ordem pela qual aparecem no texto. Termina a sequência com a letra (G).

- ☐ (A) O aquecimento do clima pode abrandar a função de regulação das temperaturas que cabe aos oceanos.
- ☐ (B) Os mares e os oceanos representam quase cem por cento dos recursos hídricos do planeta.
- ☐ (C) Os oceanos têm manifestado sinais de stresse, principalmente em zonas costeiras baixas e pequenas ilhas.
- ☐ (D) As atividades terrestres são as grandes responsáveis pela poluição de mares e oceanos.
- ☐ (E) Os oceanos são muito importantes em vários setores, como a alimentação, o emprego, a comunicação, os transportes e o comércio.
- ☐ (F) Caso não sejam tomadas medidas, muito do que resta dos recifes de corais pode desaparecer.
- ☒ 7 (G) O Grupo Internacional sobre Alterações Climáticas prevê que a frequência e a intensidade das tempestades destruam os ecossistemas costeiros.

2 Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 A palavra “também” (linha 4) contém uma ideia de

- ☐ (A) explicação.
- ☐ (B) adição.
- ☐ (C) alternativa.
- ☐ (D) consequência.

2.2 Os dois pontos (linha 14) introduzem

- ☐ (A) um momento de discurso direto.
- ☐ (B) uma citação.
- ☐ (C) uma transcrição.
- ☐ (D) uma enumeração.

2.3 Uma expressão equivalente a “por conseguinte” (linha 22) é

- ☐ (A) por consequência.
- ☐ (B) por consentimento.
- ☐ (C) por consciência.
- ☐ (D) por exemplo.

2.4 O adjetivo “impressionantes” (linha 34), neste contexto, poderia ser substituído por

- ☐ (A) pressionáveis.
- ☐ (B) negativos.
- ☐ (C) positivos.
- ☐ (D) sublimes.

3 **Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.**

- ☐ (A) “que” (linha 5) refere-se a “sistemas muito produtivos”.
- ☐ (B) “que” (linha 15) refere-se a “superfície”.
- ☐ (C) “deles” (linha 29) refere-se a “recifes de coral”.
- ☐ (D) “sua” (linha 35) refere-se a “oceanos”.

Parte B

Lê as estâncias 80 a 85 do Canto VI d'*Os Lusíadas*, a seguir transcritas. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

80

Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova fúria⁽¹⁾ ao Céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde⁽²⁾ nenhum remédio lhe valia,
Chama aquele remédio santo e forte,
Que o impossível⁽³⁾ pode, desta sorte:

81

– «Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os céus, o mar e terra senhoreias:
Tu, que a todo Israel refúgio deste
Por metade das⁽⁴⁾ águas Eritreias;
Tu, que livraste Paulo e defendeste
Das Sirtes arenosas e ondas feias,
E guardaste, cos filhos, o segundo
Povoador do alagado e vácuo mundo:

82

«Se tenho novos modos perigosos
Doutra Cila e Caríbdis já passados,
Outras Sirtes e baxos arenosos,
Outros Acroceráunios⁽⁵⁾ infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de Ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te ofende,
Mas antes teu serviço só pretende?

83

«Oh ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, enquanto fortes sustentaram
A santa Fé nas terras Mauritanas;
De quem feitos ilustres se souberam,
De quem ficam memórias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdê-la,
Doce fazendo a morte as honras dela!»

84

Assi dizendo, os ventos, que lutavam
Como touros indómitos, bramando,
Mais e mais a tormenta acrescentavam,
Pela miúda enxárcia⁽⁶⁾ assoviando.
Relâmpados medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vêm representando
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra.

85

Mas já a amorosa Estrela⁽⁷⁾ cintilava
Diante do Sol claro, no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda fronte.
A Deusa que nos Céus a governava,
De quem foge o ensífero Oriente,
Tanto que o mar e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão).
Lisboa: Instituto Camões – Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000, pp. 278-279

Notas

⁽¹⁾Ora que com nova fúria. ⁽²⁾Quando. ⁽³⁾Impossível. ⁽⁴⁾Pelo meio de. ⁽⁵⁾Cila e Caríbdis, Acroceráunios: cordilheira ao longo da costa do Epiro, na Grécia. ⁽⁶⁾Cabos que aguentam os mastros. ⁽⁷⁾Referência à estrela Vénus.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4 Identifica a situação que leva Vasco da Gama a dirigir uma prece à “Divina Guarda”.

5 Atenta no discurso de Vasco da Gama.

5.1 Identifica os três argumentos utilizados pelo nauta para convencer a “Divina Guarda” a auxiliar os marinheiros portugueses.

6 Descreve a tempestade, após a súplica do Gama.

6.1 Indica um recurso expressivo presente nessa descrição, referindo o seu valor.

7 Explicita a importância do conector “Mas” a iniciar a estância 85.

8 Atenta nos dois últimos versos da estância 85.

8.1 Explicita o estado de espírito da deusa neste momento e o que o motivou.

9 Lê a seguinte afirmação.

Pela leitura do excerto, percebe-se que o plano mitológico surge em paralelo com o plano da viagem.

9.1 Comenta a afirmação, recorrendo a dados textuais.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1 Completa cada uma das frases seguintes, escolhendo uma das duas palavras apresentadas entre parênteses.

- a) Para tudo na vida, é necessário haver bom _____ (*senso / censo*).
- b) A viga que apoia toda a construção que vês é de _____ (*asso / aço*).
- c) É preciso _____ (*alisar / alizar*) a parede, para que a aplicação da tinta fique perfeita.
- d) O _____ (*acento / assento*) onde fiquei durante o espetáculo era duríssimo.
- e) As crianças divertiam-se num jogo de mergulho, indo ao fundo, e de _____ (*emersão / imersão*), regressando à tona de água.

2 Transforma cada par de frases simples numa frase complexa, substituindo o elemento sublinhado pelo pronome relativo “que”. Faz as alterações necessárias.

- a) Os marinheiros portugueses foram premiados com a Ilha dos Amores. Os marinheiros portugueses chegaram à Índia.

- b) Vénus ajudou os portugueses. Vénus é a deusa do amor.

3 Lê a seguinte frase.

Assim que a tempestade amainou, os portugueses puderam seguir descansados.

3.1 Classifica a oração sublinhada.

4 Lê a frase que se segue.

Vasco da Gama, o capitão da armada portuguesa, pediu auxílio à Divina Guarda.

4.1 Explicita a regra que torna obrigatório o uso das vírgulas, indicando a função sintática da expressão "o capitão da armada portuguesa".

5 Lê a seguinte frase.

Muitos intelectuais têm apresentado estudos sobre *Os Lusíadas*.

5.1 Reescreve-a na passiva.

GRUPO III

Imagina que fizeste, nas últimas férias de verão, uma viagem à Índia, por mar.

Escreve uma carta em que relates a uma pessoa tua amiga o que aconteceu durante a viagem. No teu texto, deves incluir uma descrição de uma ilha ou de uma terra avistada.

Respeita os aspetos formais da carta. Assina a carta com a expressão "Um amigo" ou "Uma amiga".

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não escrevas o teu nome, não indiques a tua localidade, nem qualquer outro elemento que te identifique.

nome: _____ nº: _____ turma: _____

data: ____/____/____

duração: 90 minutos

avaliação: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

Amo-te

Talvez não seja próprio vir aqui, para esta página de revista, dizer que te amo. Não creio que me tenham convidado a escrever aqui para dar informações como esta. No mundo, há mais uma pessoa que ama. Qual a relevância desta notícia? À sombra do guarda-sol ou de um pinheiro de piqueniques, os leitores não deverão impressionar-se demasiado com isso. Depois de lerem estas palavras, os seus pensamentos instantâneos poderão diluir-se com um olhar em volta ou com as páginas que se seguem, notícias a sério, economia, fogos florestais, agosto. Para eles, este texto será como iniciais escritas por adolescentes na areia, a onda que chega para cobri-las e apagá-las. É possível que, perante esta longa afirmação, alguns desses leitores se indignem e que, na próxima semana, escrevam cartas a garantirem que não têm nada a ver com a circunstância de eu amar. Dou-lhes, desde já, toda a razão.

Eu sei. Talvez não seja próprio vir aqui dizer aquilo que, de modo mais ecológico, te posso afirmar ao vivo, por e-mail, por comentário do facebook ou mensagem de telemóvel, mas é tão bom acreditar, transporta tanta paz. Tu sabes. Extasio-me perante este agora e deixo que a sua imensidão me transcenda, não a tento contrariar ou reduzir a qualquer coisa inexplicável, que tenha cabimento nas palavras, nestas pobres palavras. Em vez disso, desfruto-a, sorrio-lhe. Não estou aqui com a expectativa de ser entendido. Eu próprio procuro ainda essa compreensão. Estou aqui apenas com o meu rosto, o meu olhar parado, a minha figura. Tudo aquilo que tenho para dizer está por detrás dessa imagem. Hoje, é esse alfabeto com que realmente escrevo, significado. Escrevo também com uma grande quantidade de elementos invisíveis, que chegam à pele e a atravessam. É dessa forma que sinto aquilo que tenho para dizer, pele e para lá da pele.

Os teus pais vão ler as minhas palavras, que embaraçoso. A minha mãe, as minhas irmãs e as minhas sobrinhas vão ler estas palavras e vão pensar: passou-se. Consigo imaginar todas essas reações, mas não consigo evitar que este texto continue a dizer que te amo. Sei que os outros apenas poderão ver com os seus próprios olhos. Para eles, seremos qualquer memória, qualquer impressão, um reflexo daquilo que eles próprios sabem, personagens de uma espécie de telenovela. A grande diferença é que nós somos nós e temos este agora imenso, este verbo no presente. Talvez fosse mais confortável, se dispusesse de um verbo mais sofisticado, menos gasto: liquefazer, maturar, discernir. Um tempo verbal mais complexo: se eu te tivesse liquefeito, se eu te tivesse maturado, se eu te tivesse discernido. Talvez. Nunca saberei porque aquilo que tenho para dizer é este verbo, este presente do indicativo da escola primária.

Na sua simplicidade, encandeia e, no entanto, diz tão pouco. Mesmo tentando, eu não lhes estou a dar nada ao informá-los que te amo. Não ficaram a saber mais do que se lhes dissesse que me alimento, respiro, existo. E não podem sequer ter a certeza de que eu dependa dessas

necessidades vitais. Talvez seja melhor assim, continuem debaixo do guarda-sol, do pinheiro de piqueniques, olhem em volta, virem a página. Talvez seja preferível que a imensidão deste momento não os perturbe, que se mantenha onde está, invisível e tão concreta nas cores da paisagem, nomeadamente por estas palavras que não a dizem e que, no entanto, existem, impressas, pouco ecológicas e, ainda assim, feitas de uma natureza única, a natureza que nasce da terra, que se estende no céu, sol, lua, oceano, montanhas, que determina o dia e a noite, a passagem das estações, a idade e que está contida numa só palavra, num só verbo, que abrigo no meu rosto, que é transparente no meu olhar e que agora, aqui nesta página de revista, preciso de dizer. Talvez não seja próprio dizê-lo aqui, mas talvez seja ainda menos próprio escrevê-lo em todas as paredes da cidade, esculpir precipícios com essa verdade ou rasgar o peito com uma faca e, com a ponta dessa mesma faca, gravá-lo dentro de mim, em sulcos profundos, com o tamanho deste agora.

José Luís Peixoto, in *Revista Visão*, nº 910, 12 a 18 de agosto de 2010

1 **Seleciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.**

1.1 O cronista acredita que os leitores vão considerar esta crónica

- ☐ (A) indecente.
- ☐ (B) sem interesse.
- ☐ (C) revoltante.
- ☐ (D) muito interessante.

1.2 Não escrever esta crónica seria mais "ecológico" (linha 11) porque

- ☐ (A) a mensagem chegaria mais rapidamente via *Facebook*.
- ☐ (B) as formas de comunicação recentes, como o e-mail, o SMS ou o *Facebook*, são mais eficazes.
- ☐ (C) ninguém a quer ler.
- ☐ (D) não se gastaria papel.

1.3 Embora tenha vergonha, o cronista escreve este texto porque

- ☐ (A) não consegue deixar de o fazer.
- ☐ (B) os leitores acabarão por compreendê-lo.
- ☐ (C) não consegue prever as reações dos outros.
- ☐ (D) ninguém vai ler as suas palavras.

1.4 Os verbos *liquefazer*, *maturar* e *discernir*

- ☐ (A) são sinónimos do verbo *amar*.
- ☐ (B) podem ser conjugados em mais tempos do que o verbo *amar*.
- ☐ (C) são mais elaborados do que o verbo *amar*.
- ☐ (D) são verbos pouco confortáveis.

2

Selecione a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- ☐ (A) "eles" (linha 7) refere-se a "pensamentos".
- ☐ (B) "a (tento contrariar)" (linha 14) refere-se a "imensidão".
- ☐ (C) "(d)essas necessidades" (linhas 33-34) refere-se a "alimento, respiro, existo".
- ☐ (D) "que (está contida)" (linha 40) refere-se a "natureza".

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

A aia

Ora uma noite, noite de silêncio e de escuridão, indo ela a adormecer, já despida, no seu catre⁽¹⁾, entre os seus dois meninos, adivinhou, mais que sentiu, um curto rumor de ferro e de briga, longe, à entrada dos vergéis⁽²⁾ reais. Embrulhada à pressa num pano, atirando os cabelos para trás, escutou ansiosamente. Na terra areada, entre os jasmineiros, corriam passos pesados e rudes. Depois houve um gemido, um corpo tombando molemente, sobre lajes, como um fardo. Descerrou violentamente a cortina. E além, ao fundo da galeria, avistou homens, um clarão de lanternas, brilhos de armas... Num relance tudo compreendeu – o palácio surpreendido, o bastardo cruel vindo roubar, matar o seu príncipe! Então, rapidamente, sem uma vacilação, uma dúvida, arrebatou o príncipe do seu berço de marfim, atirou-o para o pobre berço de verga – e tirando o seu filho do berço servil, entre beijos desesperados, deitou-o no berço real, que cobriu com um brocado⁽³⁾.

Bruscamente um homem enorme, de face flamejante, com um manto negro sobre a cota de malha, surgiu à porta da câmara, entre outros, que erguiam lanternas. Olhou – correu ao berço de marfim onde os brocados luziam, arrancou a criança, como se arranca uma bolsa de ouro, e, abafando os seus gritos no manto, abalou furiosamente.

O príncipe dormia no seu novo berço. A ama ficara imóvel no silêncio e na treva.

Mas brados de alarme de repente atroaram o palácio. Pelas vidraças perpassou o longo flamejar das tochas. Os pátios ressoavam com o bater das armas. E desgrenhada, quase nua, a rainha invadiu a câmara, entre as aias, gritando pelo seu filho. Ao avistar o berço de marfim, com as roupas desmanchadas, vazio, caiu sobre as lajes, num choro, despedaçada. Então caída, muito lenta, muito pálida, a ama descobriu o pobre berço de verga... O príncipe lá estava, quieto, adormecido, num sonho que o fazia sorrir, lhe iluminava toda a face entre os seus cabelos de ouro. A mãe caiu sobre o berço, com um suspiro, como cai um corpo morto.

E nesse instante um novo clamor abalou a galeria de mármore. Era o capitão das guardas, a sua gente fiel. Nos seus clamores havia, porém, mais tristeza que triunfo. O bastardo morrera! Colhido, ao fugir, entre o palácio e a cidadela, esmagado pela forte legião de arqueiros, sucumbira, ele e vinte da sua horda⁽⁴⁾. O seu corpo lá ficara, com flechas no flanco, numa poça de sangue. Mas ai! dor sem nome! O corpezinho tenro do príncipe lá ficara também, envolto num manto, já frio, roxo ainda das mãos ferozes que o tinham esganado!... Assim tumultuosamente lançavam a nova cruel os homens de armas – quando a rainha, deslumbrada, com lágrimas entre risos, ergueu nos braços, para lho mostrar, o príncipe que despertara.

Foi um espanto, uma aclamação. Quem o salvara? Quem?... Lá estava junto do berço de marfim vazio, muda e hirta, aquela que o salvara! Serva sublimemente leal! Fora ela que, para conservar a vida ao seu príncipe, mandara à morte o seu filho... Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração... E de entre aquela multidão que se apertava na galeria veio uma nova, ardente aclamação, com súplicas de que fosse recompensada, magnificamente, a serva admirável que salvara o rei e o reino.

Eça de Queirós, in *Contos*. Lisboa: Livros do Brasil, 2012, pp. 159-161

Vocabulário

⁽¹⁾Catre – cama tosca e pobre. ⁽²⁾Vergéis – jardins. ⁽³⁾Brocado – estofado entretecido de seda e fios de ouro ou prata, com desenhos em relevo. ⁽⁴⁾Horda – tribo errante; bando indisciplinado.

- 3** Identifica as sensações presentes no primeiro parágrafo. Comprova a tua resposta com exemplos retirados do texto.

- 4** Apresenta três sentimentos da aia no início do texto, justificando-os.

- 5** Lê o excerto que se segue.

“O príncipe lá estava, quieto, adormecido, num sonho que o fazia sorrir, lhe iluminava toda a face entre os seus cabelos de ouro.” (linhas 21-23)

- 5.1** Explica a intenção do narrador ao apresentar esta descrição do príncipe no contexto em que ela surge.

- 6** Lê o excerto seguinte.

“Então, só então, a mãe ditosa, emergindo da sua alegria extática, abraçou apaixonadamente a mãe dolorosa, e a beijou, e lhe chamou irmã do seu coração...” (linhas 34-36)

- 6.1** Identifica o recurso expressivo aí presente e analisa a sua expressividade.

- 7 No último parágrafo, analisa a expressividade da pontuação e assinala as suas funcionalidades.

10

Parte C

Lê o poema de António Ramos Rosa, a seguir transcrito, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 8.

Não posso adiar o amor

Não posso adiar o amor para outro século
não posso
ainda que o grito sufoque na garganta
ainda que o ódio estale e crepite e arda
sob montanhas cinzentas
e montanhas cinzentas

Não posso adiar este abraço
que é uma arma de dois gumes
amor e ódio

Não posso adiar
ainda que a noite pese séculos sobre as costas
e a aurora indecisa demore
não posso adiar para outro século a minha vida
nem o meu amor
nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração

António Ramos Rosa, in Gastão Cruz (sel. e prefácio),
Quinze poetas portugueses do século XX. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004



- 8 Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual explicites o conteúdo do poema.

20

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Decisão do sujeito lírico.
- Obstáculos à decisão do sujeito lírico.
- Simbolismo da oposição claro/ escuro, presente nas primeira e terceira estrofes.
- Identificação do tema do poema.

GRUPO II

- 1 Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de modo a identificares a função sintática de cada constituinte sublinhado. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

Coluna A	Coluna B
(A) Sujeito •	• (1) Vários poemas alusivos ao amor foram lidos <u>pelos poetas</u> ao longo da noite.
(B) Complemento direto •	• (2) Os textos sobre o amor parecem <u>muito sentimentalistas</u> .
(C) Complemento indireto •	• (3) <u>No seu artigo</u> , o cronista confessou o seu amor.
(D) Modificador •	• (4) Dói-me <u>a alma</u> quando vejo o mundo em guerra.
(E) Complemento oblíquo •	• (5) Li <u>o poema de Ramos Rosa</u> no meu quarto.
(F) Complemento agente da passiva •	
(G) Predicativo do sujeito •	
(H) Vocativo •	

- 2 Seleciona, para responderes a cada item (2.1 e 2.2), a única opção que permite obter uma afirmação correta.

2.1 A única palavra derivada por parassíntese é

- ☐ (A) anoitecer. ☐ (B) atemporal. ☐ (C) desfazer. ☐ (D) escrevinhar.

2.2 A única palavra derivada por prefixação é

- ☐ (A) desmentir. ☐ (B) invasão. ☐ (C) biblioteca. ☐ (D) embranquecer.

- 3 Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e no modo indicados.

- a) Era bom que tu _____ (fazer, **pretérito imperfeito do conjuntivo**) esta declaração.
- b) Ontem, o Rui e o Ivo _____ (intervir, **pretérito perfeito simples do indicativo**) na aula.
- c) Se tu _____ (vir, **futuro simples do conjuntivo**) ter comigo, iremos à feira do livro.

- 4 Divide e classifica as orações das frases seguintes.

- a) Quem esquece o amor não conhece a felicidade.

- b) Por mais que grite o meu amor por ti, nunca me cansarei.

- c) O poeta que canta o amor fá-lo de forma profunda.

nome: _____ nº: _____ turma: _____

data: ____/____/____

duração: 90 minutos

avaliação: _____

GRUPO I**Parte A****Lê o texto.****Diário de Vasco da Gama incluído no Registo da Memória do Mundo**

A UNESCO reconhece na viagem pioneira à Índia "um dos momentos-chave que mudaram o rumo da história do mundo".

O diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia foi um dos 54 documentos inscritos na terça-feira no Registo da Memória do Mundo, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

A aprovação da lista, pela diretora-geral da UNESCO, Irina Bokova, foi feita na sequência de recomendações do Comité Consultivo Internacional do Programa Memória do Mundo numa reunião realizada em Gwangju, na Coreia do Sul, e, para o secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, "reforça o valor simbólico do papel de Portugal no processo de globalização".

A UNESCO sustentou a escolha, reconhecendo o "testemunho da viagem pioneira à Índia um dos momentos-chave que mudou o rumo da história do mundo".

A cópia mais antiga, e a única que se conhece, do texto original do "Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, 1497-1499" encontra-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP) desde 1834, proveniente do Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra.

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto disponibiliza-o *online*, na coleção Gâmica da Biblioteca Digital, numa leitura crítica do investigador José Marques.

Registo criado em 1997

O original do diário da viagem de Vasco da Gama à Índia, em 1497, é atribuído a Álvaro Velho, do Barreiro, e esteve exposto naquela biblioteca em 2008.

Criado em 1997 para proteger o património documental mundial, o Registo da Memória do Mundo integrava 245 itens, três dos quais são portugueses e fazem parte do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT).

Nestes novos 54 registos – selecionados num total de 84 candidaturas –, além do diário de Vasco da Gama, foram também inscritos dois documentos do Brasil: o arquivo do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer e as viagens do imperador D. Pedro II no Brasil e no estrangeiro.

Além destes, do universo da lusofonia, também foi inscrita a coleção de documentos audiovisuais da coleção do jornalista e realizador Max Stahl sobre o nascimento de Timor-Leste como nação.

Neste momento, o Registo da Memória do Mundo da UNESCO conta com 299 documentos e coleções documentais dos cinco continentes, conservados em todo o tipo de suportes, da pedra ao pergaminho ou gravações audiovisuais.

Expresso online, 20/06/2013 – <http://expresso.sapo.pt/diario-de-vasco-da-gama-incluido-no-registo-da-memoria-do-mundo=f815161> (acedido em junho de 2013, texto adaptado)

- 1** Selecciona, para responderes a cada item (1.1 a 1.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1 O adjetivo “pioneira” (linha 1) significa

- ☐ (A) a primeira.
- ☐ (B) a principal.
- ☐ (C) a autêntica.
- ☐ (D) a mais real.

1.2 A lista dos 54 documentos inscritos no Registo da Memória do Mundo foi aprovada

- ☐ (A) pelo Comité Consultivo Internacional do Programa Memória do Mundo.
- ☐ (B) por Irina Bokova.
- ☐ (C) pelo Comité Consultivo Internacional do Programa Memória do Mundo e pelo secretário de Estado da Cultura.
- ☐ (D) por Irina Bokova, pelo Comité Consultivo Internacional do Programa Memória do Mundo e pelo secretário de Estado da Cultura.

1.3 O diário da viagem de Vasco da Gama à Índia é comumente atribuído

- ☐ (A) a Vasco da Gama.
- ☐ (B) ao Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra.
- ☐ (C) a Álvaro Velho.
- ☐ (D) à Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP).

1.4 A expressão “universo da lusofonia” (linha 26) compreende

- ☐ (A) dois países: Portugal e Brasil.
- ☐ (B) três países: Portugal, Brasil e Timor-Leste.
- ☐ (C) todos os países dos cinco continentes.
- ☐ (D) todos os países de língua oficial portuguesa.

- 2** Selecciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- ☐ (A) “a única” (linha 12) refere-se a “cópia”.
- ☐ (B) “-o” (em “disponibiliza-o”, linha 15) refere-se a “Mosteiro de Santa Cruz”.
- ☐ (C) “esteve exposto” (linha 19) refere-se a “O original do diário da viagem de Vasco da Gama à Índia”.
- ☐ (D) “dos quais” (linha 21) refere-se a “245 itens”.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

A sesta de terça-feira

O calor tinha começado ao meio-dia. O comboio parou dez minutos numa estação sem povoação a fim de se abastecer de água. Lá fora, no misterioso silêncio das plantações, a sombra tinha um aspeto limpo. Todavia, o ar fechado na carruagem cheirava a coiro por curtir. O comboio não tornou a acelerar. Deteve-se em duas povoações iguais, com casas de madeira pintadas de cores vivas. A mulher inclinou a cabeça e mergulhou na sonolência. A menina descalçou os sapatos e depois foi aos sanitários deitar água no ramo de flores mortas.

Quando regressou ao assento, a mãe esperava-a para comerem. Deu-lhe um pedaço de queijo, meio pão de milho e uma bolacha, e tirou do saco de plástico, para ela, uma ração igual. Enquanto comiam, o comboio atravessou muito devagar uma ponte de ferro e passou a certa distância de uma povoação igual às anteriores, com a única diferença de que nesta havia uma multidão na praça. Um grupo de músicos executava uma peça alegre, sob o sol abrasador. Do outro lado da povoação, numa planície fendida⁽¹⁾ pela aridez⁽²⁾, terminavam as plantações.

A mulher parou de comer.

– Calça os sapatos – disse.

A menina olhou para o exterior. Nada mais viu além da planície deserta por onde o comboio voltava a correr de novo, mas meteu no saco o resto da bolacha e calçou prontamente os sapatos. A mulher deu-lhe um pente.

– Penteia-te.

O comboio começou a apitar enquanto a menina se penteava. A mulher enxugou o suor do pescoço e limpou a gordura da cara com os dedos. Quando a menina acabou de se pentear, o comboio passou diante das primeiras casas de uma povoação maior mas mais triste do que as anteriores.

– Se tens vontade de fazer alguma coisa, faz agora – disse a mulher. – Depois, mesmo que estejas a morrer de sede, não bebas água em lado nenhum. E sobretudo não te ponhas a chorar.

A menina assentiu com a cabeça. Entrava pela janela um vento ardente e seco, misturado com o apitar da locomotiva e o estrépito⁽³⁾ das velhas carruagens. A mulher enrolou o saco com os restos dos alimentos e meteu-o na bolsa. Por instantes, a imagem de toda a povoação surgiu resplandecente na janela, naquela luminosa terça-feira de agosto. A menina enrolou as flores nas folhas de papel de jornal molhadas, afastou-se um pouco mais da janela e olhou para a mãe fixamente. Esta retribuiu-lhe o olhar com uma expressão tranquila. O comboio apitou e reduziu a marcha. Imobilizou-se momentos depois.

Não havia ninguém na estação. Do outro lado da rua, no passeio sombreado pelas amen-doeiras, somente estava aberto o salão de bilhar. A povoação flutuava no calor. A mulher e a menina desceram do comboio, atravessaram a estação abandonada, cujos ladrilhos começavam a rachar devido à pressão da erva, e cruzaram a rua até ao passeio à sombra.

Eram quase duas horas. Àquela hora, oprimida pela sonolência, a povoação dormia a sesta. Os armazéns, as repartições públicas, a escola municipal, encerravam a partir das onze e não tornavam a abrir senão um pouco antes das quatro, quando passava o comboio no sentido oposto. Apenas se mantinham abertos o hotel situado em frente da estação, o seu restaurante

e o seu salão de bilhar, e o escritório do telégrafo, num canto da praça. As casas, construídas na sua maioria segundo o modelo da companhia bananeira, tinham as portas fechadas por dentro e as persianas descidas. Fazia tanto calor em algumas delas que os moradores almoçavam no pátio.

Outros levavam um assento para a sombra das amendoeiras e faziam a sesta sentados em plena rua.

Gabriel García Márquez, in *Contos completos*. 5ª ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2011, pp. 18-20

Vocabulário

⁽¹⁾Fendida – separada com rachas. ⁽²⁾Aridez – seca. ⁽³⁾Estrépito – som estrondoso.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

3 Relê o primeiro parágrafo.

3.1 Caracteriza o espaço interior (“carruagem”) e o espaço exterior (“Lá fora”).

4 Indica o que terá levado a mulher a parar de comer (linha 13).

5 Caracteriza a relação existente entre a mãe e a filha, ao longo do excerto.

6 Identifica o recurso expressivo presente em “A povoação flutuava no calor” (linha 34) e refere a sua expressividade.

7 Lê o seguinte comentário.

Neste excerto, o narrador dá conta dos efeitos do calor não só nas pessoas como também na natureza.

7.1 Defende este comentário, recorrendo a dados textuais.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1 Atenta nas palavras apresentadas a seguir.

1.1 Identifica as cinco palavras esdrúxulas.

☐ (A) nenúfar

☐ (F) cafeína

☐ (B) alínea

☐ (G) gramática

☐ (C) último

☐ (H) análise

☐ (D) fémur

☐ (I) fevereiro

☐ (E) orientação

☐ (J) felicíssimo

2 Seleciona a única opção correta.

2.1 Qual das frases complexas apresentadas a seguir integra uma oração subordinada completiva?

☐ (A) Ele é tão bom atleta que já ganhou cinco medalhas.

☐ (B) Assim que ele chegar, telefona-me.

☐ (C) O comboio que passou na ponte levava dez carruagens.

☐ (D) A criança perguntou se podiam passear pela vila.

3 Indica, para cada uma das alíneas, a função sintática que a expressão sublinhada desempenha na frase.

a) As povoações mantiveram-se numa sonolência impressionante durante horas.

b) Quando está muito calor, as horas costumam a passar.

4 Lê a seguinte frase.

Os camponeses terão regado os campos áridos ao longo do verão.

4.1 Reescreve-a na passiva.

5 Lê o texto que se segue.

O Manuel contou que, na tarde anterior, tinha assistido a um programa de televisão sobre os costumes de alguns povos e que tinha ficado a saber que a sesta era um deles. A Sara exclamou que gostaria imenso de viver num desses países porque adorava dormir a sesta.

5.1 Reescreve-o no discurso direto.

GRUPO III

Há quem considere que as viagens servem para nos conhecermos melhor e conhecermos melhor os outros. Outros defendem que viajar é afastarmo-nos de quem somos, de onde vivemos, do que fazemos, para vivermos vidas diferentes.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser publicado num blogue sobre viagens, em que apresentes razões para defenderes cada uma das perspetivas indicadas no parágrafo anterior, referindo com qual dessas perspetivas te identificas mais.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 palavras e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.

nome: _____ nº: _____ turma: _____

data: ____/____/____

duração: 90 minutos

avaliação: _____

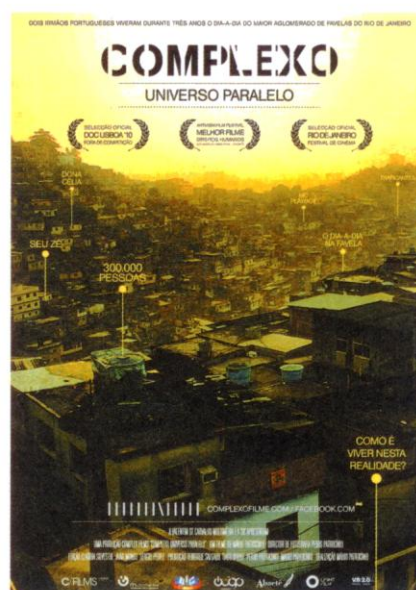
GRUPO I

Parte A

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Complexo universo paralelo

“Entraram na aventura para escutar e retratar por dentro o cotidiano dos moradores dessa comunidade.” Assim começa a grande viagem de dois irmãos portugueses – Mário e Pedro Patrocínio – que viveram dentro da favela mais perigosa do Rio de Janeiro. Podiam ter trazido apenas a história dos protagonistas do tráfico que assola a comunidade de mais de 300 mil pessoas, mas em vez disso levam-nos com eles nessa viagem pela favela, onde partilham connosco a história de MC Playboy, “Seu” Zé e D. Célia. MC Playboy é o artista; acredita na educação como solução e dá-nos a sua música e a sua energia. Seu Zé é o “sábio”, que todos cumprimentam na rua e que conhece bem os cantos à casa. D. Célia é a “heroína” desta história: tem sete filhos e um marido alcoólico que passa a vida a dormir, mas não perde a oportunidade de sorrir e faz tudo para ser uma boa mãe. Estas vidas alimentam o argumento, mas *Complexo – Universo Paralelo* não precisa de um enredo para se tornar um documentário imperdível.



Através da câmara do realizador, entramos nas casas deles, comemos com eles, ouvimos as suas experiências e palmilhamos as ruas estreitas e labirínticas, faltando-nos pouco para quase sentirmos o calor ou o cheiro que paira no ar. Se é este o papel do documentário, então *Complexo* cumpre-o na perfeição. A luz única que acompanha todo o documentário, assim como a fotografia e a banda sonora, são exímias⁽¹⁾ a captar a essência do que se passa numa favela onde o perigo vive ao lado e onde a efemeridade⁽²⁾ da vida é sentida a cada momento, mas onde também impera o espírito de comunidade e sorrisos que escondem o medo. A fé é outro dos grandes pilares destas pessoas, a quem muitas vezes faltou o que comer. A música ou o convívio à volta de um churrasco são o mote⁽³⁾ para celebrarem cada dia que passa, usufruindo de uma riqueza interior que muitas vezes escapa a quem está confortavelmente a ver o filme. Como em qualquer parte do mundo, ouvem-se os risos de crianças inocentes, mas neste caso muitas crescem a achar que “o bandido é o herói”.

Com as reportagens sobre os confrontos com a polícia como fundo, a realidade do tráfico de droga e armas não passa ao lado do documentário dos dois irmãos portugueses mas até neste caso o lado humano parece prevalecer. Somos convidados a sentar-nos com eles e a

ouvi-os enquanto ostentam armas dispendiosas que lhes chegam às mãos mesmo sob o olhar atento das forças policiais e nos explicam como é o seu dia a dia. Por momentos, quase entendemos a sua escolha de vida e as condicionantes que os levaram até ao ponto de aceitarem que hoje estão vivos mas que amanhã podem não acordar sequer.

Sem qualquer manipulação da realidade, os irmãos Patrocínio trazem até nós, e ao mundo, um filme que nos ensina muito sobre a vida, sobre as relações humanas e sobre o que muitas vezes existe para lá do preconceito ou do que os meios de comunicação mostram. Vencedor de vários prémios, *Complexo – Universo Paralelo* está ainda na corrida para outros, pois a aventura destes dois irmãos conseguiu trazer ao universo para lá da favela uma janela aberta com vista para o que se passa num dos locais mais perigosos do Brasil de uma forma única e irrepreensível.

SA, in Revista *Empire*, maio de 2011

Vocabulário

⁽¹⁾Exímias – excelentes. ⁽²⁾Efemeridade – qualidade do que tem curta duração. ⁽³⁾Mote – tema.

1 As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações do texto. Numera-as, de acordo com a ordem pela qual aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (F).

- ☐ (A) Os realizadores do documentário, que não se limitam a reportar a realidade do tráfico, conseguem dar-nos a conhecer o lado humano das pessoas que optam por viver no mundo da criminalidade.
- ☐ (B) Os traficantes aceitam diariamente a possibilidade da morte.
- ☐ (C) O documentário cumpre a sua função ao adotar uma perspetiva extremamente realista.
- ☐ (D) Mário e Pedro Patrocínio conseguiram captar a realidade tal como ela é, oferecendo ao público ensinamentos que permitem uma visão diferente em relação às favelas brasileiras.
- ☐ (E) *Complexo – Universo Paralelo* concorre a vários prémios, tendo já conquistado alguns galardões.
- ☒ (F) Os realizadores de *Complexo – Universo Paralelo* optaram por se centrar em vidas pessoais de habitantes da favela em detrimento das atividades ilícitas que aí se praticam.
- ☐ (G) No documentário, percebe-se que na favela o medo e o perigo coexistem lado a lado com a alegria e a esperança.

2 Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- ☐ (A) "que" (linha 6) refere-se a "história dos protagonistas".
- ☐ (B) Os dois pontos (linha 14) introduzem uma explicação.
- ☐ (C) "a quem" (linha 26) refere-se a "(d)estas pessoas".
- ☐ (D) As expressões "favela" (linha 42) e "(n)um dos locais mais perigosos do Brasil" (linha 43) estabelecem, no texto, uma relação de semelhança.

Parte B

Lê o poema de José Gomes Ferreira. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

Viver sempre também cansa

Viver sempre também cansa!
O sol é sempre o mesmo e o céu azul
ora é azul, nitidamente azul,
ora é cinza, negro, quase verde...
Mas nunca tem a cor inesperada.

O Mundo não se modifica.
As árvores dão flores,
folhas, frutos e pássaros
como máquinas verdes.

As paisagens também não se transformam.
Não cai neve vermelha,
não há flores que voem,
a lua não tem olhos
e ninguém vai pintar olhos à lua.

Tudo é igual, mecânico e exato.

Ainda por cima os homens são os homens.
Soluçam, bebem, riem e digerem
sem imaginação.

E há bairros miseráveis, sempre os mesmos,
discursos de Mussolini⁽¹⁾,
guerras, orgulhos em transe,
automóveis de corrida...

E obrigam-me a viver até à Morte!

Pois não era mais humano
25 morrer por um bocadinho,
de vez em quando,
e recomeçar depois,
achando tudo mais novo?

Ah! se eu pudesse suicidar-me por seis meses,
30 morrer em cima dum divã
com a cabeça sobre uma almofada,
confiante e sereno por saber
que tu velavas, meu amor do Norte.

Quando viessem perguntar por mim,
35 havias de dizer com teu sorriso
onde arde um coração em melodia:
"Matou-se esta manhã.
Agora não o vou ressuscitar
por uma bagatela."

40 E virias depois, suavemente,
velar por mim, subtil e cuidadosa,
pé ante pé, não fosses acordar
a Morte ainda menina no meu colo...

José Gomes Ferreira, in Eugénio de Andrade,
Antologia pessoal da poesia portuguesa.
7ª ed., Porto: Campo das Letras, 2002

Notas

⁽¹⁾Mussolini (1883-1945) – foi um dos fundadores do fascismo italiano; proclamou a ditadura em Itália e, na Segunda Guerra Mundial, firmou uma aliança com a Alemanha e levou a Itália a participar no conflito.

3

Divide o poema em duas partes lógicas e atribui um título a cada uma delas.

- 4 Explicita a relação estabelecida entre as afirmações “Viver sempre também cansa!” (verso 1) e “Mas nunca tem a cor inesperada.” (verso 5).

- 5 Analisa a ideia expressa na oitava estrofe do poema (versos 24-28).

- 6 Atenta nos versos transcritos.
“com teu sorriso / onde arde um coração em melodia:” (versos 35-36)

6.1 Identifica o recurso expressivo presente nestes versos e analisa a sua intenção.

Parte C

Lê as estâncias 145 e 146 do Canto X d'*Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 7. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

145

Nô mais, Musa, nô mais⁽¹⁾, que a Lira tenho
Destemperada⁽²⁾ e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor⁽³⁾ com que mais se acende o engenho⁽⁴⁾
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera⁽⁵⁾, apagada⁽⁶⁾ e vil⁽⁷⁾ tristeza.

146

E não sei por que influxo de Destino⁽⁸⁾
Não tem⁽⁹⁾ um ledó⁽¹⁰⁾ orgulho e geral gosto,
Que os ânímos levanta de contínuo
A ter pera trabalhos ledó o rosto.
Por isso vós, ó Rei⁽¹¹⁾, que por divino
Conselho⁽¹²⁾ estais no régio sólio⁽¹³⁾ posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só⁽¹⁴⁾ de vassalos excelentes.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão).
Lisboa: Instituto Camões – Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000, p. 476

Notas

⁽¹⁾ Não mais cantarei. ⁽²⁾ Desafinada. ⁽³⁾ Apoio, aplauso. ⁽⁴⁾ Talento. ⁽⁵⁾ Sombria. ⁽⁶⁾ Escura. ⁽⁷⁾ Sem dignidade, mesquinha.
⁽⁸⁾ Pressão, ação exercida pelo Destino. ⁽⁹⁾ Ela, a pátria. ⁽¹⁰⁾ Contento, feliz. ⁽¹¹⁾ D. Sebastião. ⁽¹²⁾ Por vontade de Deus.
⁽¹³⁾ Trono real (de Portugal). ⁽¹⁴⁾ Único senhor.

- 7 **Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual explicites o conteúdo destas estâncias.**

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do plano narrativo a que pertencem as estâncias.
- Identificação da voz que fala no excerto.
- Justificação do estado de espírito do sujeito lírico.
- Referência às críticas dirigidas aos contemporâneos.
- Conselho dado ao Rei.
- Conceito de herói apresentado em relação com a ideia expressa na Proposição.

GRUPO II

- 1 **Lê a frase que se segue.**

Se eu soubesse escrever, dedicaria belos poemas à madrugada.

1.1 Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado. Faz apenas as alterações necessárias.

- 2 **Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de modo a classificares a oração sublinhada em cada frase. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.**

Coluna A	Coluna B
(A) <u>Quem vive uma vida monótona</u> pode sentir-se triste.	• (1) Oração subordinada adverbial temporal
(B) <u>Mal escrevi este texto</u> , pensei num certo leitor.	• (2) Oração subordinada adverbial concessiva
(C) Ele acreditava <u>que poderia</u> <u>recomeçar</u> .	• (3) Oração subordinada adverbial consecutiva
(D) As pessoas <u>que veem o arco-íris</u> sentem-se felizes.	• (4) Oração subordinada adjetiva relativa
(E) <u>Ainda que estejas triste</u> , poderás falar comigo.	• (5) Oração subordinada substantiva relativa
	• (6) Oração subordinada substantiva completiva
	• (7) Oração subordinada adverbial causal

- 3** Indica, para cada uma das alíneas, a função sintática que a expressão sublinhada desempenha na frase.

a) Eu sei, monotonia, que estás sempre perto.

b) Esqueçamos para sempre a monotonia.

c) Durante a tarde, fui invadido pela monotonia.

- 4** Lê a frase seguinte.

A esperança foi trazida aos poetas pela chegada da madrugada.

4.1 Assinala a única opção que corresponde à forma ativa da frase.

- ☐ (A) Os poetas trouxeram a esperança quando chegou a madrugada.
- ☐ (B) A chegada da madrugada tinha trazido a esperança aos poetas.
- ☐ (C) A chegada da madrugada trouxe a esperança aos poetas.
- ☐ (D) A chegada da madrugada trouxe os poetas à esperança.

- 5** Lê o texto que se segue.

O João perguntou:

– Ó Rita, foste ontem ver este documentário de que falam aqui na revista?

5.1 Reescreve-o no discurso indireto.

nome: _____ nº: _____ turma: _____
data: ____/____/____ duração: 120 minutos avaliação: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

Os coalas estão sob pressão. Poderá a Austrália salvá-los?

Símbolo adorável de um país, o coala é um dos animais mais adorados do planeta, mas atravessa uma crise. Há mais de dois séculos, antes de os europeus colonizarem a Austrália, cerca de dez milhões de coalas viviam numa parcela das florestas de eucaliptos da costa leste com 2.500 quilómetros de comprimento. Caçados devido à sua pele luxuosa, foram praticamente extintos na metade meridional do seu território. Na metade setentrional, em Queensland, um milhão de animais foi abatido só em 1919. Depois da última época de caça em Queensland, em 1927, restavam apenas algumas dezenas de milhares.

Ao longo dos cinquenta anos seguintes, o seu número recuperou lentamente, em parte graças a esforços de realojamento e repovoamento. Nessa altura, a urbanização começou a fazer sentir os seus efeitos. Perdeu-se o habitat e disseminaram-se doenças. Desde 1990, ano em que ainda restariam cerca de 430 mil coalas, o seu número tem vindo a diminuir acentuadamente. Como os levantamentos são difíceis de realizar, as atuais estimativas de população variam bastante: desde um mínimo de 44 mil, proposto por grupos conservacionistas, a um máximo de 300 mil, apontado pelas agências governamentais. Há mais de uma década, um levantamento da Costa do Coala, uma região de 37.500 hectares do sul de Queensland, estimou uma população de coalas de 6.200; hoje em dia, crê-se que existirão cerca de dois mil.

“Os coalas estão a ficar presos nas vedações e a morrer; são mortos por cães, atropelados por veículos e até morrem só porque um proprietário cortou vários eucaliptos no quintal”, afirma Deidré de Villiers, uma das principais investigadoras de coalas do Departamento de Ambiente e Gestão de Recursos de Queensland. Há 15 anos que Deidré acompanha os coalas, monitorizando as populações, estudando as razões para o seu declínio e estabelecendo diretrizes para tornar o desenvolvimento mais compatível com os coalas.

“A doença é outra questão de peso”, afirma o veterinário Jon Hanger, de 42 anos, da Sociedade Real para a Prevenção da Crueldade Contra os Animais, em Queensland. Jon descobriu que até metade da população de coalas pode estar afetada por uma doença sexualmente transmissível: a clamídiase. Em algumas populações de coalas selvagens, cerca de metade das fêmeas sexualmente maduras são estéreis. Ao contrário do que acontece entre os seres humanos, a clamídiase é frequentemente mortal para os coalas.

Deidré de Villiers leva a peito o combate pelos coalas. Quem visita a sua casa a sul de Brisbane descobre que esta mulher, investigadora de coalas durante o dia, é mãe de aconselhamento durante a noite.

Deidré toma conta de cinco coalas em simultâneo. Dia sim, dia não, corta e colhe flores de eucalipto, o principal alimento dos coalas, numa plantação próxima. Nos últimos doze anos, acolheu mais de sessenta animais.

Ark Jenkins, in *National Geographic*, maio de 2012 (texto adaptado)

- 1** As afirmações apresentadas de (A) a (F) correspondem a ideias-chave do texto que leste. Numera-as, de acordo com a ordem pela qual aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (E).

- ☐ (A) Uma doença infecciosa, com elevada taxa de mortalidade, pode estar a afetar um grande número de coalas.
- ☐ (B) O número atual de coalas não é consensual.
- ☐ (C) A redução do espaço ocupado pelos coalas fica a dever-se ao avanço das zonas urbanas.
- ☐ (D) Deidré já ajudou mais de meia centena de coalas.
- ☒ (E) A redução drástica das populações originárias de coalas deveu-se ao valor das peles destes animais.
- ☐ (F) Deidré dedica-se à espécie, desenvolvendo diferentes atividades que a ocupam dia e noite.

- 2** Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 De acordo com o texto, o habitat dos coalas

- ☐ (A) estendia-se por 2500 quilómetros, antes de a Austrália ser colonizada.
- ☐ (B) passou a ocupar 2500 quilómetros de floresta de há dois séculos até à atualidade.
- ☐ (C) há dois séculos, após a chegada dos europeus, passou a ocupar 2500 quilómetros de floresta.
- ☐ (D) passou a ser na floresta depois de os europeus colonizarem a Austrália, há mais de dois séculos.

2.2 A frase "Perdeu-se o habitat e disseminaram-se doenças." (linha 10) apresenta

- ☐ (A) uma das finalidades do desenvolvimento da urbanização.
- ☐ (B) um facto anterior ao desenvolvimento da urbanização.
- ☐ (C) uma causa do desenvolvimento da urbanização.
- ☐ (D) uma consequência do desenvolvimento da urbanização.

2.3 A afirmação "A doença é outra questão de peso" (linha 23) significa que

- ☐ (A) os coalas sofrem de excesso de peso.
- ☐ (B) a diminuição de coalas também se deve à doença.
- ☐ (C) devemos questionar se a doença dos coalas é importante.
- ☐ (D) há uma relação entre o peso e a doença dos coalas.

2.4 A expressão "Dia sim, dia não" (linha 32) assinala que Deidré de Villiers

2

- ☐ (A) recolhe alimentos para os coalas de 24 em 24 horas.
- ☐ (B) recolhe alimentos para os coalas de dois em dois dias.
- ☐ (C) nem todos os dias recolhe alimentos para os coalas.
- ☐ (D) não recolhe alimentos para os coalas quando tem um dia "não".

3 Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

2

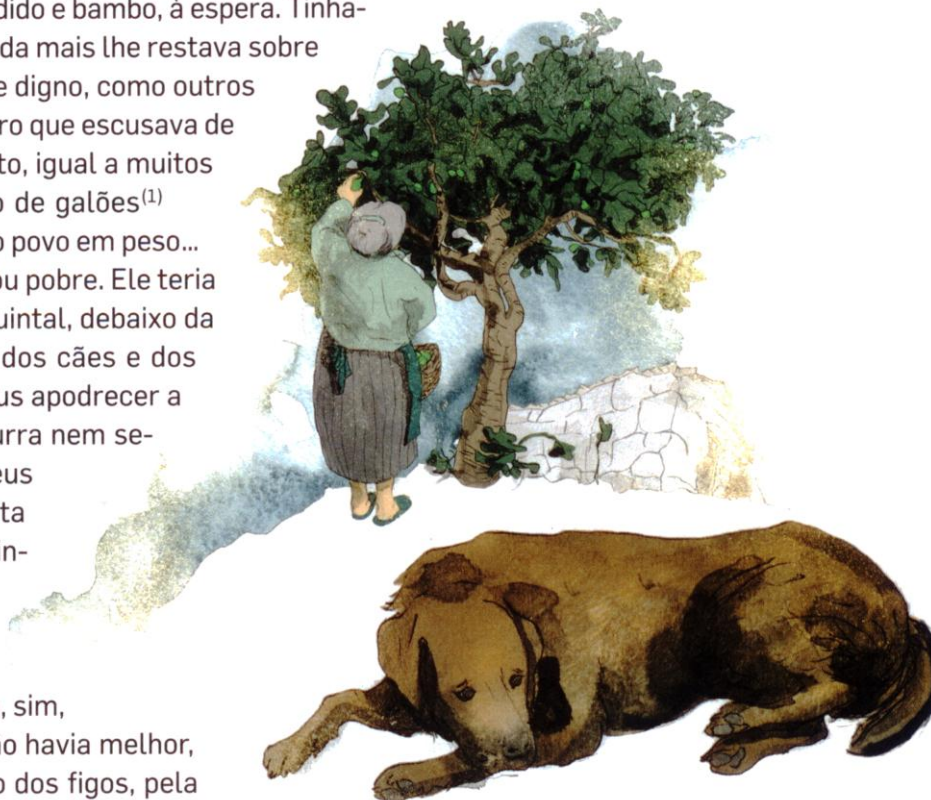
- ☐ (A) As palavras "animais" e "coala" (linha 1) estabelecem uma relação entre hiperônimo e hipônimo.
- ☐ (B) O determinante "seus" (linha 10) refere-se a "urbanização".
- ☐ (C) O determinante "seu" (linha 11) refere-se a "430 mil".
- ☐ (D) Com a expressão "Ao contrário do que" (linha 27) estabelece-se uma relação de contraste entre duas realidades.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Nero

Sentia-se cada vez pior. Agora nem a cabeça sustinha de pé. Por isso encostou-a ao chão, devagar. E assim ficou, estendido e bambo, à espera. Tinha-se despedido já de todos. Nada mais lhe restava sobre a terra senão morrer calmo e digno, como outros haviam feito a seu lado. É claro que escusava de sonhar com um enterro bonito, igual a muitos que vira, dentro dum caixão de galões⁽¹⁾ amarelos, acompanhado pelo povo em peso... Isso era só para gente, rica ou pobre. Ele teria apenas uma triste cova no quintal, debaixo da figueira lampa, o cemitério dos cães e dos gatos da casa. E louvar a Deus apodrecer a dois passos da cozinha! A burra nem sequer essa sorte tivera. Os seus ossos reluziam ainda na mata da Pedreira. Chuva, geada, sino⁽²⁾ em cima. Até um lebrão descarado se fora aninhar debaixo da arcada das costelas, de caçoada! Ah, sim, entre dois males... Já que não havia melhor, ficar ao menos ali. No tempo dos figos, pela fresca, a patroa viria consolar a barriga.



Gostava de figos, a velhota. E sempre se sentiria acompanhado uma vez por outra. Não que fizesse grande finca-pé naquela amizade. Longe disso. A menina dos seus olhos era a morgada⁽³⁾, a filha, que o acariciara como a uma criança. A velha toda a vida o pusera a distância. Dava-lhe o naco de broa (honra lhe seja), mas borrava a pintura logo a seguir: – Ala! E ele retirava-se cerimoniosamente para o ninho. Só a rapariga o aquecera ao colo quando pequeno, e, depois, pelos anos fora, o consentira ao lume, enroscado a seus pés, enquanto a neve, branca e fria, ia cobrindo o telhado. O velho também o apapricava de tempos a tempos. Se a vida lhe corria e chegava dos bens de testa desenrugada, punha-lhe a manápula⁽⁴⁾ na cabeça, meigamente, e prometia-lhe a vinda do patrão novo. Porque o seu verdadeiro senhor era o filho, um doutor, que morava muito longe. Só aparecia na terra nas férias de Natal. Mas nessa altura pertencia-lhe inteiramente. Os outros apenas o tratavam, o sustentavam, para que o menino tivesse cão quando chegasse. Apesar disso, no íntimo, considerava-se propriedade dos três: da filha, do velho e da velha. Com eles compartilhara aqueles longos oito anos de existência. Com eles passara invernos, outonos e primaveras, numa paz de família unida. Também estimava o outro, o fidalgo da cidade, evidentemente, mas amizades cerimoniosas não se davam com o seu feitio. Gostava era da voz cristalina da dona nova, da índole daimosa⁽⁵⁾ da patroa velha e da mão caalejada do velhote.

– Tens o teu patrão aí não tarda, Nero...

Miguel Torga, in *Bichos*. Alfragide: Leya, 2010, pp. 9-10

Vocabulário

⁽¹⁾Galões – tiras de tecido dourado ou de metal dourado usadas para debruar ou enfeitar. ⁽²⁾Sincelo – pedaço de gelo suspenso resultante da congelação da água da chuva, do orvalho, do nevoeiro. ⁽³⁾Morgada – filha primogénita (que nasceu em primeiro lugar). ⁽⁴⁾Manápula – mão grande e grosseira. ⁽⁵⁾Índole daimosa – forma de ser afável, carinhosa.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

- 4** Caracteriza o estado de espírito da personagem central, justificando-o.

- 5** A morte de Nero é antecipada pelo narrador, que se parece contradizer quando se refere ao enterro triste, mas ao mesmo tempo feliz, do corpo do animal.

- 5.1** Explicita essa contradição, transcrevendo as duas expressões que a evidenciam e a justificam.

- 6 Explica o significado da expressão “mas borrava a pintura logo a seguir” (linha 27), atendendo ao contexto em que surge.

- 7 Identifica todos os elementos da família a que pertencia o animal, explicitando por que razão Nero se sentia propriedade de apenas três desses elementos.

- 8 Seleciona, de entre as duas expressões seguintes, aquela que, na tua opinião, se adequa melhor ao sentido do texto da Parte B.

☐ (A) A decadência de Nero.

☐ (B) A família de Nero.

8.1 Justifica a tua opção, fundamentando-a na leitura do texto.

Parte C

Lê as estâncias 38 e 39 do Canto V d'*Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 9. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

38

«Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
— «Ó Potestade (disse) sublimada:
Que ameaço divino ou que segredo
Este çlima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?»

39

«Não acabava, quando ãa figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida⁽¹⁾,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquálida⁽²⁾,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má e a cor terrena e pálida;
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* (leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão).
Lisboa: Instituto Camões – Ministério dos Negócios Estrangeiros, p. 222

Notas

⁽¹⁾Forte. ⁽²⁾Desgrenhada.

- 9 Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual explicites o conteúdo destas estâncias.**

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do episódio e do plano narrativo a que pertencem as estâncias.
- Referência ao narrador do episódio.
- Identificação e justificação da reação dos marinheiros.
- Caracterização física e psicológica da "figura" (est. 39).
- Justificação do estado de espírito da "figura", a partir do conhecimento do episódio.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

- 1 Lê a seguinte frase.**

Nero costumava dar uma pequena volta de reconhecimento pela serra.

1.1 Indica o processo de formação da palavra sublinhada.

- 2 Selecciona, para responderes a cada item (2.1 e 2.2), a única opção que permite obter uma afirmação correta.**

2.1 A frase que inclui uma forma verbal no condicional composto é

- ☐ (A) Nero tinha sonhado com um funeral diferente.
- ☐ (B) A velha trata Nero como tem tratado outros animais.
- ☐ (C) A morgada teria desejado uma vida mais longa para Nero.
- ☐ (D) O patrão de Nero terá chegado pelas seis horas.

2.2 A frase que inclui uma forma verbal no pretérito mais-que-perfeito composto do conjuntivo é

- ☐ (A) Se o animal tivesse vivido mais, teria tido uma velhice feliz.
- ☐ (B) Se a velha não o enxotasse, Nero estaria sempre a pedir comida.
- ☐ (C) Caso o patrão não viesse nas férias do Natal, viria nas férias da Páscoa.
- ☐ (D) Todos tinham esperado que o regresso do patrão trouxesse vitalidade a Nero.

3 Lê a frase.

Os donos trazem o cão pela trela, para evitar problemas.

3.1 Reescreve-a, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado. Faz apenas as alterações necessárias.

4 Lê a frase.

Os animais que vivem junto do homem sentem grande carinho pelos membros da sua família.

4.1 Explicita a regra que torna obrigatória a ausência de vírgulas a delimitar a oração "que vivem junto do homem".

5 Indica a função sintática que a expressão sublinhada desempenha em cada uma das frases.

a) Aconteceram coisas inéditas na feira dos animais.

•

b) Vi coisas inéditas na feira dos animais.

c) As coisas que aconteceram na feira dos animais são inéditas.

6 Lê a seguinte frase.

O grave problema da extinção de espécies tem sido noticiado pela imprensa.

6.1 Seleciona a única opção que corresponde à reescrita da frase na passiva.

- ☐ **(A)** A extinção de espécies tem sido noticiada pela imprensa como grave.
- ☐ **(B)** A imprensa tem noticiado o grave problema da extinção de espécies.
- ☐ **(C)** A imprensa noticiou o grave problema da extinção de espécies.
- ☐ **(D)** A imprensa tem noticiado a extinção de espécies como um grave problema.

GRUPO III

A extinção de espécies animais é, de facto, um assunto que deve ser debatido pelos vários países, no sentido de se encontrarem formas de ação mais eficazes para minimizar o problema.

Escreve um texto, que pudesse ser divulgado num jornal escolar, em que expresses uma opinião sobre a responsabilidade de cada um de nós em ajudar a salvar as espécies animais, direta e indiretamente, apelando ao envolvimento de todos.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.

nome: _____ nº: _____ turma: _____

data: ____/____/____

duração: 120 minutos

avaliação: _____

GRUPO I**Parte A****Lê o texto.*****A matemática e a cidade – um roteiro por Viana do Castelo***

Com o pressuposto de que a matemática é acessível a todos e está presente em tudo o que nos rodeia, decidimos produzir uma brochura que servisse de roteiro para uma visita à cidade de Viana do Castelo, sob um ponto de vista matemático, com a intenção de divulgar aspetos e pormenores da cidade que geralmente passam despercebidos ao visitante e mesmo aos vianenses. O percurso que aqui se sugere é apenas um dos muitos possíveis em que se procurará, num trajeto aprazível, desvendar monumentos e locais emblemáticos.

Nesta brochura interligam-se alguns dos aspetos da cidade com curiosidades históricas e tarefas de exploração da matemática destinadas ao público em geral, procurando-se chamar a atenção para a sua beleza e utilidade no dia a dia, descobrindo-a e desvendando-a.

Com esta iniciativa procuramos promover o conhecimento arquitetónico, paisagístico e histórico da cidade, contribuir para a cultura matemática da população e para a construção de uma imagem positiva da matemática, promovendo também um ensino contextualizado e ligado ao real.

Ao subir a avenida observa-se na esquina da rua Manuel Espregueira um bonito edifício da primeira metade do século XX. Observe com atenção as janelas. Identifique os diferentes tipos de arco que as compõem. Repare agora na parte do edifício virado para a avenida. Grande parte dos edifícios são simétricos completamente ou em relação a alguns dos seus elementos. Analise a simetria deste. Identifique elementos geométricos na frente do edifício. Observe em particular as janelas.

Continuando a subir a avenida vai encontrar três edifícios de grande valor patrimonial, de linhas sóbrias mas com características arquitetónicas diferentes. O edifício da Escola Dr. Alfredo Magalhães, oficialmente inaugurado em 1933, que já serviu de Escola do Magistério Primário de Viana do Castelo e onde funciona a Escola EB1 da Avenida. O edifício da Cruz Vermelha, um dos primeiros a ser construído, na avenida, em 1920. E quase em frente o edifício do Palácio da Justiça, tribunal judicial de Viana do Castelo, construído em 1951.

A estação foi projetada pelo Eng.º Alfredo Soares e construída entre 1878 e 1882, na cerca do solar dos Camaridos (Melo Alvim) e no espaço do demolido Convento de São Teotónio (Crúzios). Apresenta-se com pé direito elevado, com um corpo central formado por dois andares e ladeado por dois alpendres. Conjugua os materiais tradicionais – madeira, granito da região e azulejos – com o ferro, com que se estruturou o amplo vão das gares e os alpendres virados à cidade. Destaca-se o trabalho em cantaria com remate guarnecido com a coroa real. Foi considerada por Ramalho Ortigão a estação mais bela do país. O edifício da estação permite-nos colocar muitas questões matemáticas, olhando para as portas, as janelas ou o ferro forjado. Deleite-se.

Isabel Vale (coord.), *A matemática e a cidade – um roteiro por Viana do Castelo*.
Viana do Castelo: ESSE do IPVC, 2008 (texto adaptado e com supressões)

- 1** As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações do texto. Numera-as de acordo com a ordem pela qual aparecem no texto. Começa a sequência pela letra (B).

- ☐ (A) O primeiro edifício a visitar apresenta janelas muito interessantes.
- ☒ (B) A brochura apresenta uma sugestão de trajeto que permite conhecer diferentes locais de Viana do Castelo.
- ☐ (C) Este edifício, atualmente uma escola, foi construído num local onde tinham existido outras construções.
- ☐ (D) Os visados pelo roteiro são as pessoas em geral.
- ☐ (E) Este edifício foi considerado por um escritor famoso o mais belo do país.
- ☐ (F) O roteiro tem diferentes objetivos, entre os quais se assinala o ensino em contexto real de aspetos matemáticos.
- ☐ (G) Os edifícios, cuja visita se sugere no roteiro, são, do ponto de vista patrimonial, muito interessantes e representativos.

- 2** Selecciona, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 A brochura *A matemática e a cidade* foi elaborada com base em dois princípios:

- ☐ (A) todos podem compreender a matemática e esta está presente nalguns elementos da realidade que nos rodeia.
- ☐ (B) nem todos consideram a matemática acessível e esta está presente em todas as coisas.
- ☐ (C) a matemática não é acessível a todos e está presente em tudo o que nos rodeia.
- ☐ (D) a matemática está presente em tudo o que nos rodeia e todos a podem compreender.

2.2 A brochura *A matemática e a cidade* visa descobrir e desvendar

- ☐ (A) aspetos da cidade e a matemática.
- ☐ (B) curiosidades históricas e a matemática.
- ☐ (C) aspetos da cidade e curiosidades históricas.
- ☐ (D) curiosidades históricas, aspetos da cidade e a matemática.

2.3 A palavra "mesmo" (linha 4) tem um valor de

- ☐ (A) confirmação.
- ☐ (B) explicação.
- ☐ (C) inclusão.
- ☐ (D) alternativa.

2.4 O conjuntivo presente em formas como "Observe" ou "Identifique" (linhas 14 e 17) é utilizado com a intenção de

- ☐ (A) dar um conselho.
- ☐ (B) apresentar uma ordem.
- ☐ (C) perguntar algo.
- ☐ (D) levantar uma hipótese.

3

Seleciona a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- ☐ (A) O pronome “que” (linha 4) refere-se a “cidade”.
- ☐ (B) O pronome “a” (em “descobrendo-a”, linha 9) refere-se a “matemática”.
- ☐ (C) O pronome “(d)este” (linha 17) refere-se a “edifício”.
- ☐ (D) O advérbio “onde” (linha 22) refere-se a “edifício da Escola Dr. Alfredo Magalhães”.

Parte B

Lê o texto. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Nós, aqui por entre o fumo

Certo tipógrafo que eu cá sei (casado, mulher e dois filhos) tinha a mania dos números porque, dizia ele, passava a vida a lidar com palavras e como com palavras não havia meio de se governar, ia para os números. Foi. Nos números estava tudo: o salário da semana, a idade que não perdoa, o deve e o haver, a fortaleza das nações. Estava, ensinou-lhe um folheto da chamada ciência da Numerologia⁽¹⁾, o destino de cada um de nós calculado em tabuadas divinas, e quem tinha escrito aquilo sabia o que estava a escrever, declarava o tipógrafo.

Era um gutembergue⁽²⁾ de província, nascido e criado entre alfabetos de chumbo, que ganhava o pão da vida numa oficina de meia porta a juntar letras com uma pinça, sua enxada. Plantava palavras em pesadas formas de ferro, de máquina antiga, e lia-as, ainda no metal, ao revés: ou seja, da direita para a esquerda, como num espelho, porque é assim que fazem leitura os tipógrafos-compositores, e com que rapidez. Depois, quando as via impressas na *Folha da Comarca* ou no *Boletim das Missões*, nem se dava ao trabalho de as ler no outro sentido porque vinham a dar no mesmo: cantavam eternamente a cegarrega⁽³⁾ da paz e da felicidade. (...)

I. Um dia, estava ele na oficina a ler da direita para a esquerda como lhe competia, apareceu-lhe determinada passagem em que se afirmava que a melhor poesia era a dos números. Lambeu-se todo de contente.

«Mulher,» anunciou nessa noite, reunido com a família à volta do jantar. «A melhor poesia é a dos números. Está provado.»

Mulher e filhos não se deram por achados⁽⁴⁾. Nem talvez o tivessem ouvido porque a comida estava a ferver e só se via era bocas estendidas para os pratos a assoprar. O garoto mais novo quase que chorava de raiva por não conseguir comer com a rapidez que desejava; o mais velho, então, quase que se empoleirava na borda da panela em luta com a fumarada para encontrar um pedaço de carne.

«Quieto,» urrou a mãe, afastando-o com uma sapatada.

Eram duas crianças caprichosas, provavelmente por terem nascido tarde, segundo a opinião da vizinhança. Por tudo e por nada armavam cada discussão que Deus te livre. São assim os filhos dos casais velhos, mas muito inteligentes. Malignos, como diziam as mulheres lá do bairro, entre elas.

O tipógrafo, que pouco parava em casa, não dava por coisa nenhuma. Praticamente via os filhos à hora do jantar, através do fumo da panela. Podia distinguir o mais velho pelo assoprar e pelos óculos luzidios que eram de lentes grossas como os dele próprio, operário castigado por quilómetros de palavras de chumbo. Quanto ao mais novo ouvia-o e chegava: estava sempre a choramingar por causa da pressa de comer.

«De agora em diante a comida só vem para a mesa depois de esfriar,» ameaçava o tipógrafo constantemente. Mas os filhos deixavam? É o deixas. Mal anoitecia punham-se a rondar a panela em cima do lume, perguntando o que era o jantar embora soubessem muitíssimo bem que nunca passava do mesmo: batatas-couves-e-osso, osso-batatas-e-couve. Com tanta pressa e tanto fumo ainda um dia haviam de acabar como o João Ratão, cozidos e assados no caldeirão.

José Cardoso Pires, in *O burro-em-pé*. 2ª ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2010, pp. 41-43

Vocabulário

⁽¹⁾Numerologia – estudo da influência dos números nas pessoas. ⁽²⁾Gutenberg (1398-1468) – inventor da imprensa. ⁽³⁾Cegarrega – instrumento que faz um ruído parecido ao fretenir da cigarra. ⁽⁴⁾Dar por achado – mostrar ter conhecimento de algo ou estar envolvido nalguma coisa.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4 Explica, por palavras tuas, em que consistia a profissão do tipógrafo.

5 Justifica a reação do tipógrafo em: “Lambeu-se todo de contente.” (linha 17).

6 Relê o oitavo parágrafo (linhas 30-34).

6.1 Transcreve duas expressões que despertem sensações diferentes, identificando-as.

7 O parágrafo que se segue não pode ser a continuação da narrativa que acabaste de ler, pois apresenta aspetos incoerentes com o conteúdo deste texto.

Um dia, o tipógrafo, que conhecia os filhos como a palma da mão, disse-lhes que, a partir daquele momento, só poderiam começar a comer depois de ele dar início à refeição. E, enquanto lia atentamente o jornal, acrescentou:

– Nem que tenham de esperar uma hora!

7.1 Identifica dois aspetos que provocam essa incoerência, fundamentando a tua resposta em elementos textuais.

- 8 Selecciona, de entre as duas expressões seguintes, aquela que, na tua opinião, se adequa melhor ao sentido do texto da Parte B.

☐ (A) A importância dos números.

☐ (B) Uma vida de dificuldades.

8.1 Justifica a tua opção, fundamentando-a na leitura do texto.

Parte C

- 9 Lê os excertos do *Auto da Barca do Inferno* e do *Auto da Índia*, de Gil Vicente. Responde, de forma completa e bem estruturada, apenas a um dos itens, 9.A ou 9.B, e identifica, na folha de respostas, o item a que vais responder. Em caso de necessidade, consulta as notas apresentadas.

Excerto do *Auto da Barca do Inferno*

DIA. Cavaleiros, vós passais
e nom perguntais onde is?
1º CAV. Vós, Satanás, presumis⁽¹⁾?
Atentaí⁽²⁾ com quem falais!
2º CAV. Vós que nos demandais?
• Siquer⁽³⁾ conhecê-nos bem.
Morremos nas Partes d'Além⁽⁴⁾,
e não queirais saber mais.

DIA. Entrai cá! Que cousa é essa?
10 Eu nom posso entender isto!
CAV. Quem morre por Jesu Cristo
não vai em tal barca como essa!

Gil Vicente, "Auto da Barca do Inferno",
in *Teatro de Gil Vicente*, edição de António José Saraiva.
6ª ed., Lisboa: Portugália Editora, s/d, p. 121

Notas

⁽¹⁾Estais cheio de presunção, de vaidade. ⁽²⁾Vede, considerai. ⁽³⁾Ao menos. ⁽⁴⁾Norte de África.

9.A Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual presentes linhas fundamentais de leitura do excerto apresentado da peça *Auto da Barca do Inferno*.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Referência ao local onde se encontram as personagens.
- Justificação da pergunta dirigida aos Cavaleiros: "nom perguntais onde is?".
- Explicação da reação dos Cavaleiros à atitude do Diabo no início do excerto.
- Explicação do sentido dos versos "Quem morre por Jesu Cristo / não vai em tal barca como essa!".
- Explicação, com base no teu conhecimento da obra, da intenção de Gil Vicente ao colocar em cena os Quatro Cavaleiros.

Excerto do *Auto da Índia*

- AMA** Que foi do vosso passear⁽¹⁾,
com luar e sem luar,
toda a noite nesta rua?
- LEMOS** Achei-vos sempre tão crua⁽²⁾,
5 que vos não pude aturar⁽³⁾.
- Mas agora como estais?
- AMA** Foi-se à Índia meu marido,
e depois homem nacido
não veio onde vós cuidais⁽⁴⁾;
10 e por vida de Costança⁽⁵⁾,
que se não fosse a lembrança...
- MOÇA** Dizei já essa mentira.
- AMA** Que eu vos não consentiria
entrar em tanta privança⁽⁶⁾.

Gil Vicente,
Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente – vol. II,
introdução e normalização do texto de Maria Leonor
Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional –
Casa da Moeda, 1983, pp. 351-352

Notas

⁽¹⁾Por que deixaste de aparecer? ⁽²⁾Cruel. ⁽³⁾Sofrer. ⁽⁴⁾E depois (de meu marido ter partido) nenhum outro homem teve amores comigo. ⁽⁵⁾E juro pela minha vida. ⁽⁶⁾Intimidade.

9.B Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual apresentes linhas fundamentais de leitura do excerto apresentado da peça *Auto da Índia*.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Justificação da pergunta inicial da Ama, tendo em conta o teu conhecimento da obra.
- Explicitação das intenções de Lemos ao visitar a Ama.
- Caracterização psicológica da Ama.
- Identificação do papel da Moça.
- Explicação, com base no teu conhecimento da obra, da intenção de Gil Vicente ao apresentar esta cena.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1 Lê a frase seguinte.

O tipógrafo perguntou aos filhos se já tinham jantado.

1.1 Indica a função sintática desempenhada pela oração sublinhada.

1.2 Classifica, de forma completa, a oração sublinhada.

2 Lê a frase seguinte.

O tipógrafo era sábio no manejo das letras de metal.

2.1 Reescreve a frase, usando o adjetivo no grau superlativo absoluto sintético. Faz apenas as alterações necessárias.

3 Selecciona, para responderes a cada item (3.1 e 3.2), a única opção que permite obter uma afirmação correta.

3.1 A frase que inclui uma forma verbal no pretérito perfeito do conjuntivo é

- ☐ (A) Ainda que o tipógrafo trabalhe com letras, adora números.
- ☐ (B) Embora a família comesse pouca carne, os filhos não deixavam de sonhar.
- ☐ (C) Ainda que a mulher tenha cozinhado criativamente, a comida era escassa.
- ☐ (D) Embora os filhos tivessem fome, a comida não estava pronta.

3.2 A frase que inclui uma forma verbal no futuro composto do indicativo é

- ☐ (A) Quando os filhos comerem devagar, o tipógrafo deixará de os insultar.
- ☐ (B) O tipógrafo castigará os filhos se estes comerem depressa.
- ☐ (C) O filho mais novo terá sido castigado pelo pai por comer depressa.
- ☐ (D) A mãe ficou zangada por os filhos terem comido tão depressa.

4 Lê a frase seguinte.

Se pudesse, o tipógrafo realizaria o seu trabalho com números.

4.1 Reescreve a frase, substituindo a expressão sublinhada pelo pronome pessoal adequado. Faz apenas as alterações necessárias.

- 5 A coluna A apresenta conjuntos de palavras. As três palavras que compõem cada conjunto têm em comum um afixo cujo sentido está explícito numa das opções da coluna B. Faz corresponder cada conjunto da coluna A ao único sentido da coluna B que lhe está associado. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

Coluna A	Coluna B
(A) antirrugas, antivírus, antirroubo •	• (1) Excesso
(B) superagasalhar, superalimentar, supercampeão •	• (2) Qualidade
(C) ajudante, traficante, viajante •	• (3) Quantidade
(D) bondade, amabilidade, irritabilidade •	• (4) Ação contrária
(E) folhagem, ramagem, plumagem •	• (5) Agente

- 6 Lê a frase seguinte.
O tipógrafo tinha dito aos filhos a verdade sobre os números.

6.1 Reescreve-a na passiva, respeitando, na frase que escreveres, o tempo e o modo verbais.

GRUPO III

A escolha de uma profissão implica uma decisão consciente por parte dos jovens.

Escreve um texto, que pudesse ser divulgado num jornal escolar, em que expresses uma opinião sobre os aspetos que deverão ser tidos em consideração no momento da escolha de uma profissão, procurando convencer os jovens da sua importância.

O teu texto deve ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não assines o teu texto.

nome: _____ nº: _____ turma: _____

data: ____/____/____

duração: 120 minutos

avaliação: _____

GRUPO I

Parte A

Lê o texto.

Romeu e Julieta

Romeu e Julieta, o clássico da literatura universal, seduz há séculos gerações de leitores apaixonados, que encontram nas páginas tecidas pelo inglês William Shakespeare uma das mais belas e trágicas histórias de amor de todos os tempos. A história de Romeu e Julieta transformou-se praticamente num arquétipo⁽¹⁾ da psique humana, como ocorreu, por exemplo, com o mito de Édipo, criado por Sófocles, célebre dramaturgo grego, e convertido por Sigmund Freud num conceito fundamental da Psicanálise.

Esta tragédia shakespereana, elaborada entre 1591 e 1595, não é significativa apenas por abordar o amor proibido entre dois jovens na Verona renascentista, mas também por denunciar a hipocrisia e as convenções sociais, os interesses económicos e a sede de poder, elementos que engendram inevitavelmente a intolerância e condenam o sentimento nobre que emerge dos corações de Romeu e Julieta.

Naquela cidade italiana, aproximadamente em 1500, duas famílias tradicionais, os Montecchios e os Capuletos, cultivam uma intensa e insustentável inimizade que já remonta há vários anos. Independentemente desta rivalidade, Romeu e Julieta, filhos únicos destes poderosos clãs que se odeiam, apaixonam-se e decidem lutar pelo seu amor.

Os jovens conhecem-se numa festa promovida pelo pai da jovem Julieta. Romeu, evidentemente, não fora convidado, mas, acreditando estar apaixonado por Rosaline, uma das raparigas presentes no evento, oculta-se sob um engenhoso disfarce e vai à celebração. Uma vez, porém, que se depara com Julieta, a imagem da outra jovem desaparece do seu coração. Logo depois da festa, oculto no jardim, ouve involuntariamente o diálogo de Julieta com as estrelas, durante o qual ela confessa a sua paixão. Então, procura-a e declara-se. Um dia



Cena do filme *Romeu e Julieta*, de 1968, realizado por Franco Zeffirelli

depois, e com o auxílio de Frei Lawrence, que pertence ao círculo de amigos do jovem, casam-se em segredo.

O velho Capuleto, sem saber da união da sua filha com o inimigo, pretende casá-la com Páris. O Frei convence-a a aceitar o matrimónio, mas arma um plano. Pouco antes da cerimónia, Julieta deverá ingerir uma poção elaborada por ele; com a ajuda deste preparado, ela será considerada morta. Romeu seria avisado e retirá-la-ia do jazigo dos Capuleto assim que ela despertasse. Porém, Romeu descobre o ocorrido antes de ser notificado pelo Frei. Desesperado, ele adquire uma poção venenosa e, na sepultura onde se encontra a amada, ingere o conteúdo do frasco e morre junto a Julieta.

A jovem, ao acordar, dá-se conta do que aconteceu e, com o punhal roubado de Romeu, mata-se. Os dois são encontrados juntos, mortos, para completo desespero dos familiares. Abalados com a tragédia, eles reconciliam-se definitivamente.

A peça de Shakespeare teve inúmeras versões ao longo do tempo. A história também foi transposta para as telas dos cinemas. As duas versões mais conhecidas são a de Franco Zeffirelli, de 1968, protagonizada por Leonard Whiting e Olivia Hussey; e a de Baz Luhrmann, de 1996, interpretada por Leonardo DiCaprio e Claire Danes, a qual se passa no mundo atual.



Cena do filme *Romeu e Julieta*, de 1996, realizado por Baz Luhrmann

Ana Lucia Santana, in *Infoescola* – <http://www.infoescola.com/teatro/romeu-e-julieta/> (acedido em junho de 2013, texto adaptado e com supressões).

Vocabulário

⁽¹⁾Arquétipo – modelo.

1 As afirmações apresentadas de (A) a (G) baseiam-se em informações do texto. Numera-as, de acordo com a ordem pela qual aparecem no texto. Termina a sequência com a letra (B).

- ☐ (A) *Romeu e Julieta* é uma obra significativa, dada a grande diversidade de temas, como o amor proibido, a hipocrisia e o poder.
- ☒ 7 (B) A peça de Shakespeare foi adaptada inúmeras vezes ao teatro e ao cinema.
- ☐ (C) Romeu e Julieta apaixonam-se e lutam pelo seu amor, sem considerar a rivalidade entre as suas famílias.
- ☐ (D) Enquanto Julieta confessa a sua paixão por Romeu às estrelas, o jovem ouve-a, disfarçado.
- ☐ (E) Romeu conhece Julieta porque julgava estar apaixonado por Rosaline.
- ☐ (F) Romeu morre por desconhecer o plano de Frei Lawrence.
- ☐ (G) *Romeu e Julieta* tem conquistado o coração de gerações de leitores ao longo do tempo.

2

Selecione, para responderes a cada item (2.1 a 2.4), a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1 A história de Romeu e Julieta é praticamente um arquétipo da psique humana, comparável à história de

- ☐ (A) Sófocles.
- ☐ (B) Sigmund Freud.
- ☐ (C) Shakespeare.
- ☐ (D) Édipo.

2.2 Os elementos que condenam o amor de Romeu e Julieta são

- ☐ (A) a hipocrisia, as convenções sociais, os interesses económicos e a sede de poder.
- ☐ (B) os Montecchios e os Capuletos.
- ☐ (C) os habitantes de Verona.
- ☐ (D) os poderosos clãs que se odeiam.

2.3 Imediatamente antes da cerimónia matrimonial de Julieta com Páris,

- ☐ (A) a jovem morre.
- ☐ (B) Romeu morre.
- ☐ (C) a jovem ingere uma poção.
- ☐ (D) Romeu ingere uma poção.

2.4 As duas versões de *Romeu e Julieta* mais conhecidas foram realizadas por

- ☐ (A) Franco Zeffirelli e Baz Luhrmann.
- ☐ (B) Leonard Whiting e Olivia Hussey.
- ☐ (C) Leonardo DiCaprio e Claire Danes.
- ☐ (D) Baz Luhrmann e Martin Scorsese.

3

Selecione a opção que corresponde à única afirmação falsa, de acordo com o sentido do texto.

- ☐ (A) "Naquela" (linha 24) refere-se a "Verona".
- ☐ (B) "que" (linha 27) refere-se a "clãs".
- ☐ (C) "outra jovem" (linha 31) refere-se a "Rosaline".
- ☐ (D) "-a" (em "procura-a", linha 33) refere-se a "Rosaline".

Parte B

Lê o texto.

Em todas as ruas te encontro

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu ando
a limitar a tua altura
e bebo a água e sorvo o ar
que te atravessou a cintura
tanto, tão perto, tão real
que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento
num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura

Em todas as ruas te encontro
Em todas as ruas te perco

Mário Cesariny, in *Pena capital*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.



Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

- 4 Identifica no texto três palavras diferentes que evidenciam a presença de um “tu” no poema.

- 5 Atenta nos dois primeiros versos.

5.1 Caracteriza a ligação que existe entre o “eu” e o “tu”.

- 6 Identifica o recurso expressivo presente no verso 7 e explicita o seu valor.

- 7 Apresenta uma interpretação para a ausência de pontuação no texto.

- 8 Atenta na primeira estrofe do soneto de Florbela Espanca, apresentado abaixo, e no comentário que se lhe segue.

Amar!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

5 Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:
10 É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...

Florbela Espanca, in *Sonetos*. Mem-Martins:
Publicações Europa-América, 1996

Tanto nos versos de Florbela Espanca como no poema de Mário Cesariny, é possível encontrar-se uma semelhança no modo como o amor é vivenciado pelos sujeitos poéticos.

- 8.1 Defende este comentário, explicitando essa semelhança. Fundamenta a tua resposta com elementos textuais.

Parte C

Lê as estâncias 118 e 119 do Canto III d'*Os Lusíadas*, a seguir transcritas, e responde, de forma completa e bem estruturada, ao item 9. Em caso de necessidade, consultá as notas apresentadas.

118

«Passada esta tão próspera vitória⁽¹⁾,
Tornando Afonso à Lusitana terra,
A se lograr⁽²⁾ da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino⁽³⁾ da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha⁽⁴⁾
Que depois de ser morta foi Rainha.

119

«Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta⁽⁵⁾ morte sua,
Como se fora pérvida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras⁽⁶⁾ banhar em sangue humano.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*
(leitura, prefácio e notas de A. Costa Pimpão).
Lisboa: Instituto Camões – Ministério dos
Negócios Estrangeiros, 2000, p. 128

Notas

⁽¹⁾O poeta refere-se à Batalha do Salado, na qual os reis cristãos venceram os Mouros e na qual Afonso IV, pai de D. Pedro, participou. ⁽²⁾Gozar. ⁽³⁾Digno. ⁽⁴⁾Infeliz e desgraçada. ⁽⁵⁾Penosa, chocante. ⁽⁶⁾Altars.

9

Escreve um texto expositivo, com um mínimo de 100 e um máximo de 140 palavras, no qual explicites o conteúdo destas estâncias.

O teu texto deve incluir uma parte introdutória, uma parte de desenvolvimento e uma parte de conclusão.

Organiza a informação da forma que considerares mais pertinente, tratando os tópicos apresentados a seguir.

- Indicação do episódio a que pertencem as estâncias.
- Identificação da personagem referida através da expressão “mísera e mesquinha / Que depois de ser morta foi Rainha.” (est. 118, versos 7-8).
- Identificação do caso referido através da expressão “O caso triste, e dino da memória,” (est. 118, verso 5).
- Indicação do interlocutor da estância 119.
- Explicitação da causa da morte referida na estância 119.
- Justificação da antítese verificada nas expressões “puro Amor” (est. 119, verso 1) e “fero Amor” (est. 119, verso 5).
- Referência a uma diferença entre a estância 119 e os poemas da parte B, relativamente à caracterização do Amor.

GRUPO II

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

- 1 Associa cada elemento da coluna A ao único elemento da coluna B que lhe corresponde, de modo a identificares a classe e a subclasse da palavra sublinhada em cada frase. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

Coluna A	Coluna B
(A) Ele escreveu uma carta <u>para</u> falar sobre o amor.	• (1) Determinante interrogativo
(B) O poema <u>que</u> foi lido provocou lágrimas em toda a sala.	• (2) Pronome possessivo
(C) <u>Que</u> escritor mais aprecias?	• (3) Conjunção subordinativa concessiva
(D) Das relações amorosas cantadas pelos poetas, é <u>esta</u> a mais fascinante.	• (4) Pronome relativo
(E) Apesar de não saber em que cidade vivia, viajou para Itália à <u>sua</u> procura.	• (5) Pronome demonstrativo
	• (6) Conjunção subordinativa final
	• (7) Determinante possessivo
	• (8) Conjunção subordinativa consecutiva

- 2 Seleciona a única opção correta.

2.1 Qual dos conjuntos seguintes é constituído apenas por palavras cujo processo de formação é o mesmo?

- ☐ (A) desapontamento – indomável – insuportavelmente – desflorestação
- ☐ (B) indisposto – indelével – sofrimento – palavroso
- ☐ (C) avançar – embolar – emparedar – tricotar
- ☐ (D) reposto – escrevinhar – agrupamento – alcatifar

- 3 Completa cada uma das frases seguintes com a forma do verbo apresentado entre parênteses, no tempo e no modo indicados.

- a) Se nos dessem mais tempo, _____ (*pôr*, **condicional simples**) tudo em ordem.
- b) É desejável que nós _____ (*engolir*, **presente do conjuntivo**) bem este novo refrigerante.
- c) Seria um milagre estes frágeis pilares _____ (*suster*, **futuro simples do conjuntivo**) a construção.
- d) Embora a menina _____ (*ver*, **pretérito perfeito composto do conjuntivo**) o mar agitado, não ficou com receio de ir à praia.

4

Lê a frase seguinte.

O poeta revelou os seus segredos mais íntimos aos leitores.

4.1 Reescreve a frase, substituindo o complemento direto e o complemento indireto pelas formas adequadas dos pronomes pessoais. Faz as alterações necessárias.

5

Lê a frase complexa que se segue.

Como viste, chorei no cinema como há muito não chorava.

5.1 Transcreve a oração subordinada adverbial comparativa.

GRUPO III

Embora o amor seja um sentimento desejado pela humanidade, a sua história está repleta de episódios nos quais surge associado ao sofrimento e até à morte.

Escreve um texto de opinião, que pudesse ser publicado num jornal escolar, em que tomes uma posição sobre o papel do amor na relação entre as pessoas.

O teu texto deverá ter um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras.

Não escrevas o teu nome, não indiques a tua localidade, nem qualquer outro elemento que te identifique.

Teste de avaliação 1 pág. 5

GRUPO I

Parte A

- 1 1.1 (C); 1.2 (C); 1.3 (D); 1.4 (B).
- 2 (D).
- 3 3.1 Ao longo da entrevista, Mia Couto diz que escreve inspirado no "folclore de Moçambique", num sentido positivo, nas vozes da gente anónima, logo ela é merecedora do prémio que vai receber: "Este prémio pode ser partilhado por esta gente, que merece, porque são essas vozes que me inspiram, com a sua mensagem, com a sua sensibilidade e lógica."

Parte B

- 4 4.1 A "viagem" no tempo aconteceu quando viu um velho vendedor, que lhe recordou outro do seu passado, numa cidade e num tempo diferentes.
4.2 As sensações são a visual ("bruma"), a olfativa ("num fumo aromático") e a tátil ("que não aquece").
- 5 Meter as castanhas, separadas, dentro dos dois bolsos; aquecer as mãos; fazer o resto do percurso; comer as castanhas no hotel.
- 6 A cronista, ao afirmar que a estrela da vida não se via e que estava separada dela há muito, tem a intenção de dizer que o sol não aparecia naquela cidade.
- 7 7.1 Ela não compra castanhas porque já tem o sol, que é sedentário e amigo na cidade onde vive. Por isso, não necessita delas para se aquecer. Para além disso, as castanhas têm outro sabor.
- 8 8.1 Dois aspetos incoerentes são o facto de necessitar de um casaco grosso, uma vez que onde ela agora vive há sol ("Hoje, aqui, ainda não faz frio e o Sol é sedentário e amigo") e o facto de dizer que o sabor das castanhas era melhor agora, o que não era verdade, uma vez que anteriormente afirmara que não era melhor nem pior, mas sim diferente ("Nem melhor, nem pior. Um sabor diferente.").

GRUPO II

- 1 1.1 Derivação por parassíntese.
- 2 2.1 (A); 2.2 (D).
- 3 (D).

GRUPO III

Resposta livre.

Teste de avaliação 2 pág. 11

GRUPO I

Parte A

- 1 1.1 (B); 1.2 (D); 1.3 (B); 1.4 (D).
- 2 (A).

Parte B

- 3 Atitude de agressividade: "Entraí vós, e remarês."; atitude de impaciência: "Ora ponde aqui o pé...". Estas atitudes justificam-se porque o Diabo considera que Brísida Vaz está condenada à partida.
- 4 A carga trazida por Brísida Vaz simboliza os pecados que a condenarão: ela explorou e usou moças, que obrigou à prostituição. Os seus pecados são de grande monta, por isso Brísida Vaz traz imensa carga (seiscentos virgos postiços, três arcas de feitiços, três armários de mentir, cinco cofres, objetos furtados, joias, guarda-roupa, estrado de cortiça, duas almofadas, moças), o que mostra que pretende continuar o seu negócio após a morte.
- 5 Dois argumentos de defesa: Brísida Vaz foi uma mártir, porque foi muitas vezes açoitada; se Brísida fosse condenada, todas as outras pessoas teriam de o ser também.
- 6 A personagem é sedutora e procura estabelecer uma relação de tipo amoroso com o Anjo (até porque estava habituada a estabelecer relacionamentos deste tipo), como se comprova pelos termos que utiliza para se dirigir ao Anjo ("minha rosa", "meu amor") ou pela forma como o descreve ("olho de perlinhas finas").
- 7 7.A Aspetos a referir: **Introdução** – espaço: cais de embarque; outra personagem em palco: o pajem. **Desenvolvimento** – o Fidalgo é arrogante, desdenhoso e julga-se merecedor da salvação porque crê que a sua classe social lhe asseguraria a entrada na barca do Anjo e que, após a morte, manteria as benesses e o tratamento a que a nobreza estava habituada. **Conclusão** – é feita uma crítica à conduta da nobreza, que se considera superior às restantes classes, que explorou os pobres em benefício próprio e que tem uma conduta amoral.
7.B Aspetos a referir: **Introdução** – casa (da Ama); momento do regresso do marido de uma viagem à Índia. **Desenvolvimento** – Ama: pretende saber se o marido veio rico, embora afirme não se importar com as riquezas, mas sim com o facto de o marido ter sobrevivido; Marido: pretende realçar as dificuldades da viagem e justificar o facto de não ter chegado rico. **Conclusão** – é feita uma crítica aos objetivos que estavam na base das viagens marítimas e à corrupção da sociedade por meio da falsidade da personagem Ama, que, enquanto o marido esteve ausente, manteve uma conduta amoral.

GRUPO II

- 1 A-1; B-2; C-4.
- 2 a) caibo; b) dissesse; c) perca; d) puder.
- 3 3.1 Modificador do nome apositivo.
3.2 Oração subordinada adjetiva relativa explicativa.
- 4 4.1 Se puderes, dá-no-la.

GRUPO III

Resposta livre.

Teste de avaliação 3 pág. 19

GRUPO I

Parte A

- 1 1.1 (B); 1.2 (C); 1.3 (C); 1.4 (D).
- 2 (B).
- 3 3.1 O título é adequado ao sentido do texto porque o autor defende que a solidariedade deve ser um modo de vida, implicando consciência dos atos solidários que se vão praticando, de forma a ser-se mais efetivo na resolução dos problemas sociais.

Parte B

- 4 4.1 Os interesses do narrador não se cingiam ao seu próprio mundo mas também ao mundo do prior e de sua irmã, que habitavam por cima dele, porque ele conhecia bem o ritual das ofertas que este obtinha das pessoas e a forma como a irmã dele as geria.
- 5 A mais pessimista era a criada, dado que, por várias vezes, mostrou não acreditar que a oferenda viesse parar à casa do prior ("Se é leitão, podemos tirar daí o sentido"; "Aposto em como vai direitinho a casa do doutor!").
- 6 6.1 O aroma do café indiciava ao narrador que D. Estefânia oferecia esta bebida às pessoas que lhe traziam alimentos, como forma de agradecimento. No fundo, procedia-se a uma troca.
- 7 7.1(A) O texto relata a forma como a freguesia era solidária em oferecer alimentos ao prior, ao médico ("Aposto em como vai direitinho a casa do doutor!") e aos conhecidos ("Quem é, parou à porta da Júlia Tralhão...").
(B) O texto revela que D. Estefânia sabia atrair a casa do prior quem lhe oferecesse comida, o que garantia refeições diversificadas para o irmão ("tinha a despesa dispersa pela freguesia"; "Primeiro, a hipnotização à distância, com os olhos do binóculo; depois, o hipócrita «para que se estiveram a incomodar»; por fim, o aroma da chávena de café a invadir a casa.").

Parte C

8 8.A Tópicos de resposta:

- O Diabo recebe o Judeu com desdém ("Oh! que má-hora vieste!"), rejeitando-o na sua barca ("Nem eu nom passo cabrões.").
- Os argumentos utilizados são o facto de ter comido carne nos dias de jejum e de ter profanado sepulturas.
- O Judeu tentou subornar o Diabo ("Eis aqui quatro testões").
- O Judeu tem a intenção de dizer que, se Brísida Vaz entrou na barca do Diabo, ele também o poderá fazer, porque ela é mais pecadora que ele.
- O Diabo diz que o Judeu não entra na sua barca. Terá de ir a reboque com o animal que o acompanha.
- Gil Vicente critica os judeus, que eram fanáticos pela sua religião, desrespeitando a religião dos outros, e que manifestavam também grande apego ao dinheiro.

8.B Tópicos de resposta:

- O Castelhana foi visitar a Ama porque sabia que o seu marido tinha partido.
- A Ama teve a intenção de mostrar algum desprezo por ele, como forma de se fazer difícil.
- O Castelhana não se mostra ofendido, porque quer ficar com a Ama.
- O discurso do Castelhana é um discurso elogioso, com belas palavras.
- Propostas: cómico de carácter – o discurso do Castelhana é revelador da sua personalidade, enquanto conquistador de uma mulher cujo marido está ausente; cómico de linguagem – através do Castelhana.
- Gil Vicente critica, através do Castelhana, todos os fidalgos pelintras que tentam seduzir a damas com as suas belas palavras.

GRUPO II

- 1 1.1 Gil Vicente fez uma caracterização fidelíssima da sociedade em que viveu.
- 2 2.1 Primeira pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito composto do modo conjuntivo.
- 3 3.1 (D); 3.2 (A).
- 4 4.1 Os atores fizeram-no.
- 5 a) sujeito; b) predicativo do sujeito.

Teste de avaliação 4 pág. 27

GRUPO I

Parte A

- 1 1.1 (C); 1.2 (C); 1.3 (A); 1.4 (A).
- 2 (B).
- 3 3.1 Tópicos de resposta: o afastamento e a distância levam à vontade de ver a família e os amigos, quer em momentos importantes quer em situações banais, sentindo-se falta dos pequenos momentos rotineiros, a que não se dava grande importância ou que até eram desprezados.

Parte B

- 4 Dois sentimentos: tristeza e saudade; razão justificativa: separação causada pela partida dos marinheiros portugueses.
- 5 5.1 "As mulheres (...) / Os homens (...) / Mães, Esposas, Irmãs".
5.2 "longo caminho e duvidoso".
5.3 A referência ao amor, que, nesta situação, se associa ao medo e à desconfiança, aponta para o receio de que este mesmo amor possa vir a não ter continuidade, dada a possibilidade de uma separação definitiva (causada pela morte daqueles que partem).
- 6 6.1 "em choro acabará, penoso e amaro".
- 7 7.1 A mulher acusa o marido de levar para o mar a sua "vida", o que significa que, como eles estão unidos pelo amor, não se deviam afastar um do outro. O marido, ao partir, leva um pouco da própria mulher, que fica só e em sofrimento.
- 8 8.1 As expressões apontam para um diálogo entre o sentimento das pessoas, expresso pelas suas interrogações, e a reação metafórica dos elementos da natureza, que, personificados, "respondem", ou seja, expressam a sua piedade. O narrador exprime uma sintonia entre os sentimentos humanos e os sentimentos da própria natureza, o que acentua a força desses mesmos sentimentos.

GRUPO II

- 1 A-7; B-6; C-4; D-2; E-5.
- 2 2.1 (C) ; 2.2 (A).
- 3 3.1 Pretérito perfeito composto do modo indicativo.
- 4 **Por exemplo: a)** Logo que finalizes os teus trabalhos, telefona aos teus familiares. **b)** As pequenas coisas ganham tanta importância que quem está longe sente falta da rotina. **c)** Ainda que não seja muito nostálgico, ele sente a falta de pequenas coisas.

GRUPO III

Resposta livre.

Teste de avaliação

5 pág. 33

GRUPO I

Parte A

- 1 B-E-C-D-F-A-G.
- 2 2.1 (B); 2.2 (D); 2.3 (A); 2.4 (B).
- 3 (B).

Parte B

- 4 A situação que leva Vasco da Gama a dirigir uma prece à "Divina Guarda" é a aproximação de uma tempestade, que o faz antecipar um fim trágico para a sua viagem.
- 5 5.1 Os três argumentos são o grande poder de Deus, que já libertara homens de grandes dificuldades e perigos em momentos passados (deu refúgio ao povo de Israel, abrindo as águas para eles passarem); o facto de os portugueses terem passado dificuldades sempre ao serviço da fé ("Mas antes teu serviço só pretende?" – est. 82); o facto de ser preferível morrer a lutar pela fé cristã (est. 83).
- 6 Após a súplica do Gama, a tempestade aumentou a sua violência, os ventos ganharam mais força, assim como os relâmpagos.
6.1 **Proposta:** comparação ("os ventos, que lutavam / Como touros indómitos" – est. 84, versos 1-2) – sugere a força dos ventos, que, imparáveis, levavam tudo à frente.
- 7 O conector "Mas" (com valor de contraste) indica que a força da tempestade, descrita na estância 84, vai ser travada por Vénus, que já cintila no horizonte (est. 85).
- 8 8.1 A deusa sente-se com medo e ao mesmo tempo zangada ("de medo e de ira"), ao ver o estado do mar, provocado pela tempestade, e a cara de terror da armada ("Tanto que o mar e a cara armada vira").
- 9 9.1 As primeiras estâncias do excerto integram-se no plano da viagem, uma vez que o narrador dá conta do aparecimento de uma tempestade, quando os nautas seguem tranquilamente a sua viagem, rumo à Índia ("Vendo Vasco da Gama que tão perto / Do fim de seu desejo se perdia,") e do discurso do Gama, que pede auxílio a Deus. Contudo, o plano mitológico surge em paralelo com o da viagem, quando Vénus aparece ("Mensajeira do dia, e visitava / A terra e o largo mar, com leda fronte."), para ajudar os portugueses a terminarem a viagem.

GRUPO II

- 1 a) senso; b) aço; c) alisar; d) assento; e) emersão.
- 2 a) Os marinheiros portugueses que chegaram à Índia foram premiados com a Ilha dos Amores. b) Vénus, que é a deusa do amor, ajudou os portugueses.
- 3 3.1 Oração subordinada adverbial temporal.
- 4 4.1 As vírgulas são obrigatórias na frase porque delimitam o modificador do nome apositivo, que é a função sintática desempenhada pela expressão destacada.
- 5 5.1 Estudos sobre *Os Lusíadas* têm sido apresentados por muitos intelectuais.

GRUPO III

Resposta livre.

- 4 4.1 Os campos áridos terão sido regados pelos camponeses ao longo do verão.
- 5 5.1 – Ontem à tarde assisti a um programa de televisão sobre os costumes de alguns povos. Fiquei a saber que a sesta é um deles! – contou o Manuel.
– Oh! Gostaria imenso de viver num desses países! Adoro dormir a sesta! – exclamou a Sara.

GRUPO III

Resposta livre.

Teste de avaliação

8

pág. 51

GRUPO I

Parte A

- 1 F–C–G–A–B–D–E.
- 2 (A).

Parte B

- 3 Primeira parte: estrofes 1 a 7; segunda parte: estrofes 8 a 11. **Sugestão de títulos:** "A monotonia da vida" (primeira parte); "Desejo de renascimento" (segunda parte).
- 4 Entre as duas afirmações estabelece-se uma relação de causa-consequência. O sujeito lírico refere o cansaço provocado pela monotonia da vida, em que "Tudo é igual, mecânico e exato.", afirmando que o céu "nunca tem a cor inesperada", ou seja, tudo é previsível e expectável. Assim, já nada o surpreende e, logo, viver cansa.
- 5 Nesta estrofe, o sujeito lírico afirma que gostaria de renascer, desconhecendo as coisas, o que seria possível se pudesse "morrer por um bocadinho / de vez em quando". Esta seria uma forma de se libertar da monotonia, pois o recomeço permitir-lhe-ia ver "tudo mais novo".
- 6 6.1 Metáfora. O recurso expressivo aponta para o sentimento entre o sujeito lírico e a sua interlocutora, cujo sorriso evoca o amor que os une. Trata-se de um amor forte, mas harmonioso.

Parte C

- 7 **Tópicos de resposta:**
- Plano das considerações do poeta.
 - A voz que fala no excerto é a do próprio poeta.
 - O sujeito lírico sente-se triste e desmotivado porque as pessoas suas contemporâneas não lhe dão o valor que ele julga merecer.
 - Os seus contemporâneos não são sensíveis à arte, são gente "endurecida", centrada na cobiça, o que arrasta o país para a tristeza e o afasta da glória.
 - O poeta pede ao Rei que se aperceba de que tem vassalos excelentes prontos a servi-lo.
 - O poeta mostra que os heróis serão os "vassalos excelentes" e, de acordo com a Proposição, estes serão aqueles que se poderão "libertar da lei da morte".

GRUPO II

- 1 1.1 Se eu soubesse escrever, dedicá-los-ia à madrugada.
- 2 A–5; B–1; C–6; D–4; E–2.
- 3 a) vocativo; b) complemento direto; c) complemento agente da passiva.
- 4 4.1 (C).
- 5 5.1 O João perguntou à Rita se no dia anterior ela tinha ido ver aquele documentário de que falavam ali na revista.

Teste de avaliação global

1

pág. 57

GRUPO I

Parte A

- 1 E–C–B–A–F–D.
- 2 2.1 (A); 2.2 (D); 2.3 (B); 2.4 (B).
- 3 (C).

Parte B

- 4 A personagem central apresenta-se calma, estando consciente da proximidade da morte, resignada à sua sorte, agradecida pelo carinho da morgada e pelos bons momentos vividos junto da família.
- 5 5.1 A contradição reside no facto de o narrador assumir que, por um lado, o cão não teria direito a um caixão de galões amarelos, mas somente a uma "triste cova" no quintal, mas esta situação era menos má do que a de outros animais. Por exemplo, a da burra fora bem pior – não ficara a dois passos da cozinha, mas sim desossada na mata. As expressões que o justificam são as seguintes: "Ele teria apenas uma triste cova no quintal" e "E louvar a Deus apodrecer a dois passos da cozinha!".
- 6 A expressão significa que ela enxotava o cão, isto é, tinha uma atitude que não era simpática para com o animal.
- 7 A morgada, a velha, o velho e o doutor (o filho do velho e da velha). O cão sentia-se propriedade dos primeiros três, porque o filho não vivia com eles, vindo apenas ocasionalmente a casa. Por esta razão, não tinha uma relação de proximidade com o cão. A vida do cão tinha sido verdadeiramente partilhada com os outros três elementos da família.
- 8 8.1 (A) O texto relata os últimos momentos da vida do cão, em contraste com os oito anos de vida plena que viveu com a sua família.
(B) O texto relata a história dos últimos dias da vida de Nero, que se considera como membro de uma família, cujos membros são todos descritos, bem como as relações que cada um mantinha com o animal.

Parte C

- 9 Tópicos de resposta:**
- Episódio do Adamastor; plano da viagem.
 - Vasco da Gama.
 - Medo, grande receio, grande temor; justificação: viram aproximar-se uma nuvem muito negra e assustadora e o mar começou a ficar muito agitado.
 - Caracterização física: figura de dimensões gigantescas, forte, cor de terra e pálida; no rosto uma barba desgrenhada e olhos encovados; os cabelos estão sujos de terra e crespos; a sua boca é negra e os dentes amarelos. Caracterização psicológica: aparenta estar zangado e assume uma atitude má.
 - O Adamastor está zangado porque os marinheiros portugueses ousaram invadir os mares que o gigante considerava seus.

GRUPO II

- 1 1.1** Derivação por prefixação e sufixação.
- 2 2.1** (C); **2.2** (A).
- 3 3.1** Os donos trazem-no pela trela, para evitar problemas.
- 4 4.1** Não existem vírgulas a demarcar a oração "que são grandes amigos do homem" uma vez que se trata de uma oração subordinada relativa restritiva e estas orações não são delimitadas por vírgula.
- 5 a)** sujeito; **b)** complemento direto; **c)** predicativo do sujeito.
- 6 6.1** (B).

GRUPO III

Resposta livre.

Teste de avaliação global

2 pág. 65

GRUPO I

Parte A

- 1** B-G-D-F-A-C-E.
- 2 2.1** (D); **2.2** (D); **2.3** (C); **2.4** (A).
- 3** (A).

Parte B

- 4** O tipógrafo compunha textos, formava palavras juntando letras feitas em ferro com uma pinça. Quando o texto estava pronto a ser impresso na máquina, lia-o ao contrário, da direita para a esquerda.
- 5** Embora trabalhasse com letras, o tipógrafo gostava de números, porque era com estes que se governava. Quando se deparou com a afirmação de que "A melhor

poesia era a dos números" ficou muito contente porque não só viu confirmada a valorização que dava aos números como também encontrou uma associação entre as letras (a poesia) e os números que confirmava a superioridade destes últimos.

- 6 6.1** Sensações visuais: "via os filhos à hora do jantar, através do fumo da panela", "óculos luzidios"; sensações auditivas: "pelo assoprar", "Quanto ao mais novo ouvia-o".
- 7 7.1** Em primeiro lugar, a expressão "que conhecia os filhos como a palma da mão" é incoerente porque, no texto, afirma-se que o tipógrafo "Praticamente via os filhos à hora do jantar". Em segundo lugar, a expressão "enquanto lia atentamente o jornal" é também incoerente porque, no texto, se afirma que o tipógrafo "nem se dava ao trabalho" de ler os jornais impressos.
- 8 8.1 (A)** Embora a profissão do tipógrafo o ligasse às letras, este adorava números e procurava-os em todo o lado.
(B) No texto refere-se que o pai trabalhava imenso, mas apercebemo-nos que a família tinha pouco dinheiro, inclusive para comida.

Parte C

9 9.A Tópicos de resposta:

- Os Cavaleiros encontram-se no cais, no momento em que passam pela barca do Diabo sem parar.
- O Diabo questiona os Cavaleiros sobre se eles não perguntam qual será o seu destino, porque os vê passar pela sua barca sem sequer parar, o que não aconteceu com as restantes personagens.
- A afirmação do 1º Cavaleiro funciona como uma justificação do facto de estes se dirigirem diretamente à barca do Anjo.
- Eles sabem que já mereceram a salvação por terem morrido lutando por Jesus Cristo.
- Gil Vicente pretende realçar a luta pela fé cristã como um ato de coragem, merecedor do reconhecimento dos homens e da salvação eterna, o que contrasta com a denúncia de todos os vícios feita por intermédio das personagens-tipo que foram condenadas nas cenas anteriores.

9.B Tópicos de resposta:

- A Ama pergunta por Lemos porque já tinham tido uma relação amorosa, situação que ela gostaria de retomar.
- Lemos não expressa qualquer sentimento amoroso pela Ama; é, antes, um oportunista, pois não apareceu enquanto o marido estava presente, por considerar ser tempo perdido, mas, agora que a Ama está sozinha e disponível, quer aproveitar a oportunidade.
- A Ama revela ser uma mulher falsa, não respeita o marido e tem uma conduta amoral.
- A Moça tem o papel de revelar ao espetador o verdadeiro carácter da Ama, evidenciando, neste caso, a sua falsidade.
- Gil Vicente pretende denunciar o carácter amoral da sociedade e, sobretudo, das mulheres que têm condutas impróprias enquanto os maridos partem para as viagens marítimas.

GRUPO II

- 1 1.1 Complemento direto.
1.2 Oração subordinada substantiva completiva.
- 2 2.1 O tipógrafo era sapientíssimo no manejo das letras de metal.
- 3 3.1 (C); 3.2 (C).
- 4 4.1 Se pudesse, o tipógrafo realizá-lo-ia com números.
- 5 A-4; B-1; C-5; D-2; E-3.
- 6 6.1 A verdade sobre os números tinha sido dita pelo tipógrafo aos filhos.

GRUPO III

Resposta livre.

Teste de avaliação global

3 pág. 73

GRUPO I

Parte A

- 1 G-A-C-E-D-F-B.
- 2 2.1 (D); 2.2 (A); 2.3 (C); 2.4 (A).
- 3 (D).

Parte B

- 4 "te", "teu", "tua".
- 5 5.1 A ligação entre o "eu" e o "tu" é uma ligação amorosa impossível, que só existe pela busca incessante de um encontro/ desencontro.
- 6 Enumeração: sugere as várias tentativas do sujeito poético para encontrar o "tu", para concretizar o encontro amoroso.
- 7 **Propostas:** a ausência de pontuação sugere o fluir do pensamento do sujeito poético; a busca incessante, mas impossível, do encontro amoroso.

- 8 8.1 Tanto nos versos de Florbela Espanca como no poema de Mário de Cesariny, o amor é vivenciado através da procura incessante do encontro amoroso. No poema de Florbela Espanca, o sujeito poético diz desejar amar ("Eu quero amar") toda a gente e em toda a parte, com intensidade ("perdidamente"); no poema de Mário de Cesariny, o sujeito poético procura estabelecer uma relação amorosa com o "tu", relação essa que se revela, contudo, impossível ("Em todas as ruas te encontro / Em todas as ruas te perco").

Parte C

- 9 **Tópicos de resposta:**
 - Episódio de "Inês de Castro".
 - Inês de Castro.
 - Referência ao assassinato de Inês de Castro, pelos algozes, a mando de D. Afonso IV, caso que nunca foi esquecido.
 - O interlocutor é o Amor.
 - O responsável é o próprio Amor.
 - O Amor, por um lado, é um sentimento puro, que faz com que as pessoas se apaixonem, mas por outro lado é negativo, quando causador da morte.
 - Proposta: na estância 119, o Amor é agente de destruição, de morte ("Deste causa à molesta morte sua,"), enquanto que nos poemas da parte B é agente de vida.

GRUPO II

- 1 A-6; B-4; C-1; D-5; E-7.
- 2 2.1 (A).
- 3 a) poríamos; b) engulamos; c) susterem; d) tenha visto.
- 4 4.1 O poeta revelou-lhos.
- 5 5.1 "como há muito não chorava".

GRUPO III

Resposta livre.

TESTES

3.º Ciclo do Ensino Básico 9.º ano

Português



**Preparação para os testes de avaliação sumativa e global.
Conselhos úteis para os alunos.**

Outros títulos da mesma coleção:

Testes – Ciências da Natureza 5.º ano
Testes – Ciências da Natureza 6.º ano
Testes – Inglês 5.º ano
Testes – Inglês 6.º ano
Testes – Inglês 7.º ano
Testes – Matemática 5.º ano
Testes – Matemática 6.º ano
Testes – Matemática 7.º ano
Testes – Matemática 8.º ano
Testes – Matemática 9.º ano
Testes – Português 5.º ano
Testes – Português 6.º ano
Testes – Português 7.º ano
Testes – Português 8.º ano
Testes – Biologia e Geologia 10.º ano
Testes – Biologia e Geologia 11.º ano
Testes – Física e Química A 10.º ano
Testes – Física e Química A 11.º ano
Testes – Matemática A 10.º ano
Testes – Matemática A 11.º ano
Testes – Matemática A 12.º ano
Testes – Português 10.º ano
Testes – Português 11.º ano
Testes – Português 12.º ano

LeYa

www.leya.com

ASA

www.asa.pt

ISBN 978-989-23-2642-9



9 789892 326429

ac
acordo ortográfico